

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ROBERTA VICENTI FERNANDES

ANÁLISE SIMBÓLICA DE NARRATIVAS *SANDPLAY* DE
CRIANÇAS IMIGRANTES, À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

SÃO PAULO

2023

ROBERTA VICENTI FERNANDES

**ANÁLISE SIMBÓLICA DE NARRATIVAS *SANDPLAY* DE CRIANÇAS
IMIGRANTES, À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial do curso de
Psicologia da Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde, da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.
Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Pinheiro
Varela Guimarães

SÃO PAULO

2023

Agradecimentos

Agradeço à Prof^a Dr^a Paula Pinheiro Varela Guimarães, por ter sido uma excelente orientadora. Obrigada por todas as trocas, apontamentos, ensinamentos e compreensão ao longo da realização deste trabalho e por me fazer acreditar na possibilidade de realização de um trabalho social a partir da perspectiva da Psicologia Analítica.

À minha família, por terem me proporcionado o suporte necessário para a realização da graduação e por apoiarem as minhas escolhas, em especial, à minha avó Vera, por ser sinônimo de carinho, respeito e aconchego. Você é meu maior tesouro.

Aos meus amigos de vida, Leonardo e Manoela, por me acompanharem há tantos anos e terem escutado tanto sobre esse trabalho. Atravessar a vida com vocês é muito mais gostoso.

Às minhas grandes amigas da PUC e futuras colegas de profissão, Maria Luisa, Nathalie, Natalia, Catarina, Hannah, Juliana e Luana. Obrigada por terem transformado a minha experiência na faculdade e por serem fonte inesgotável de carinho e admiração. É um prazer imenso ter vocês por perto.

À Katia, por todo o incentivo e suporte ao longo desses anos. Sem você, o caminho seria mais árduo.

À Carla Albano, que me confiou parte da sua coleção de miniaturas e fez com que esse trabalho se tornasse possível. Obrigada por toda a ajuda e por ter me feito gostar ainda mais de *Sandplay*.

Ao Cuco e ao Sombrinha, que por serem gatos, dizem tudo. Obrigada por serem companhia nas madrugadas, enquanto este trabalho estava sendo gestado. Vocês fazem a minha vida mais feliz.

A todos os professores da graduação, que me instigaram e me formaram enquanto profissional ao longo desses cinco anos. Esse trabalho também tem um pouco de cada um de vocês.

Por fim, a todas as crianças que cruzaram e ainda vão cruzar meu caminho. É com vocês que eu realmente aprendo e vejo possibilidade de futuro.

Quipnayra uñtasis sarnaqapxañani : “mirando atrás y adelante (al futuro-pasado) podemos caminar en el presente-futuro”. (AFORISMO AYMARA)

7.00.00.00-0 – Ciências Humanas

7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: Análise Simbólica de Narrativas *Sandplay* de Crianças Imigrantes, à Luz da Psicologia Analítica.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Pinheiro Varela Guimarães.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo compreender os impactos psicológicos da imigração por crianças de 7 a 11 anos, residentes na cidade de São Paulo, através da análise de narrativas *Sandplay* com tema. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com os responsáveis legais pelas crianças, visando maior aproximação com a cultura e história de vida das participantes; além disso, foi aplicada a técnica *Sandplay* com tema com as crianças de maneira não-terapêutica, ou seja, não foram realizadas análises durante o procedimento. No total, o estudo contou com a participação de duas crianças e seus respectivos responsáveis – um pai e um casal composto por mãe e padrasto. Buscou-se verificar, a partir dos cenários criados no *Sandplay*, elementos que sinalizassem sofrimento psíquico e/ou elementos contribuidores para o desenvolvimento psíquico das crianças. A partir disso, foi possível apreender temas que apontaram para sofrimento psíquico como ameaça, caos, ocultamento e aridez; em contrapartida, os temas que podem contribuir com o desenvolvimento das crianças têm como exemplo nutrição, fertilidade e proteção, mas que estão relacionados a um momento de maior adaptação ao país de acolhimento, realidade de somente uma das participantes da pesquisa. Por fim, o trabalho também cumpriu o objetivo de aumentar o número de pesquisas empíricas a respeito do tema infância e imigração, dado o número insuficiente destas pesquisas.

Palavras-chave: infância; imigração; *Sandplay*; Psicologia Analítica; símbolo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto das miniaturas disponíveis.....	39
Figura 2: Foto das caixas de areia.....	40
Figura 3: Cena de M. referente à Bolívia.....	45
Figura 4: Miniaturas retiradas.....	45
Figura 5: Cena de M. referente ao país de acolhimento.....	49
Figura 6: Miniaturas retiradas.....	49
Figura 7: Cena de A. referente à Bolívia.....	51
Figura 8: Cena de A. referente ao país de acolhimento.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Infância e Imigração	10
1.2	Revisão bibliográfica dos impactos psicológicos da imigração em crianças	13
1.3	Infância e Psicologia Analítica	19
1.3.1	Análise de crianças e pós junguianos	22
1.4	Outras contribuições da Psicologia Analítica	25
1.5	Jogo de Areia (<i>Sandplay</i>)	29
2	OBJETIVOS	35
2.1	Objetivo Geral.....	35
2.2	Objetivos específicos	35
3	MÉTODO	36
3.1	Caracterização da Pesquisa	36
3.2	Participantes.....	36
3.3	Instrumentos.....	37
3.4	Procedimento	37
3.4.1	Coleta de dados	38
3.4.2	Análise.....	38
3.5	Cuidados Éticos	38
4	ANÁLISE E RESULTADOS	40
4.1	Descrição geral da aplicação.....	40
4.2	Entrevistas.....	42
4.2.1	Entrevista com os cuidadores de M.....	42
4.2.2	Entrevista com os pais de A.	43
4.3	As produções das crianças	46
4.3.1	Os cenários de M.....	46
4.3.2	Os cenários de A.....	52
4.3.3	As histórias	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista com o responsável legal

APÊNDICE B: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a investigar a experiência psicológica de crianças imigrantes que, devido à busca por melhores condições de vida ou à necessidade de sobrevivência de seus pais migrantes, acabam por chegar ao Brasil. Ainda que o movimento de mudança de país em busca de uma melhora de vida seja bastante comum na atualidade, as vivências das crianças costumam passar de forma ainda mais desapercibida quando comparadas às dos adultos.

Isto posto, o deslocamento de pessoas para outro local pode estar atrelado a diversas causas e motivações, alguns exemplos são: crises políticas ou socioeconômicas, perseguições, violações dos direitos humanos, busca por melhores condições de vida, exílio, causas naturais, oportunidades de trabalho e estudo, ampliação da visão de mundo e interesse pessoal.

Considerando as três últimas motivações citadas, o tema da pesquisa foi escolhido em função da trajetória de vida da pesquisadora, que experienciou a vivência de morar e estudar em outro país e conviveu com pessoas nativas de outros países que migraram tanto para o Brasil quanto para fora deste, orientados pelo mesmo contexto e motivações da pesquisadora. Em contrapartida, em dado momento, deparou-se com a temática da imigração e interculturalidade durante a faculdade, mas sempre sob a visão do adulto migrante exilado e sob a perspectiva de outras linhas de estudo da psicologia que não a Psicologia Analítica. Esse estudo é, portanto, uma tentativa de compreensão dos impactos do fenômeno da imigração através da ótica das crianças, à luz da Psicologia Analítica.

A relevância desse estudo reside em ser um tema vigente e atemporal, uma vez que os deslocamentos humanos ocorreram desde os primórdios da história da civilização e perduram até hoje, sob as mais diversas circunstâncias. Na atualidade, a crescente globalização e avanço da tecnologia promoveram aumento no fluxo migratório, devido à redução dos espaços geográficos, dos custos de transporte e comunicação em paralelo ao aumento dos processos de bens, serviços e capital, da crescente desigualdade social e dos conflitos políticos e armados ao redor do mundo (GRANADA et al., 2017).

De acordo com os dados publicados pela Acnur Global Trends (2020), em seu último relatório, cerca de 79,5 milhões de pessoas foram vítimas de deslocamento forçado ao redor do mundo até o final de 2019 - quase o dobro do número de pessoas calculado

no ano de 2010 -; dentre elas, em torno de 40% possuem menos de dezoito anos. No Brasil, o número de solicitações de registro de refúgio também aumentou, uma vez que, nesse mesmo ano, foram contabilizadas 82.500 solicitações, das quais 33.453 foram avaliadas e somente 21.304, propriamente reconhecidas. Dentre as reconhecidas, 1,3% correspondem ao número de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos (OBMigra, 2020). Ressalta-se que esses dados aparentam ser ainda mais alarmantes porque correspondem somente à parcela da população migrante reconhecida oficialmente.

Para além disso, de acordo com os dados divulgados pela Agência Brasil (2021), atualmente, são cerca de 1,3 milhões de imigrantes vivendo no Brasil. No relatório produzido pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2020), evidencia-se que o perfil principal de imigrantes são "[...] pessoas do sexo masculino, em idade ativa e com nível de escolaridade médio e superior" (p. 3), o que coloca em pauta a questão do trabalho que permeia a vinda dos imigrantes para o Brasil. Dentre as solicitações, 44% concentram-se no Estado de São Paulo (Ibidem).

Com base no exposto e na carência de publicações nacionais no que concerne aos impactos psicológicos das experiências relacionadas à imigração involuntária na infância (BEZERRA, 2016), esse estudo constitui-se com o objetivo de analisar essas repercussões psicológicas, visando promover maior discussão do tema no meio acadêmico. Deste modo, busca-se investigar possíveis impactos psicológicos, positivos e/ou negativos, da imigração em crianças de 7 a 11 anos na cidade de São Paulo.

A fim de atingir esse objetivo, será utilizado, como procedimento para a coleta de dados, o Jogo de Areia (*Sandplay*) que, por se tratar de um método terapêutico expressivo e não-verbal, permite a emergência de conteúdos psíquicos que podem ser analisados.

Para fundamentar esta pesquisa, serão utilizados conceitos da psicologia intercultural que dialogam com o cenário ilustrado, como aculturação, além de conceituações da Psicologia Analítica, como complexo, projeção e símbolo, para que seja possível elaborar análise simbólica dos elementos postos e cenários produzidos pelas crianças no Jogo de Areia (*Sandplay*).

No primeiro capítulo, buscar-se-á caracterizar o processo migratório internacional na infância. Já o segundo capítulo será reservado para abordar a Psicologia Analítica e a possibilidade de utilizar suas contribuições para a compreensão da experiência de imigração dessas crianças. O terceiro capítulo apresentará os impactos psicológicos que podem estar envolvidos na experiência de imigração a partir de revisão bibliográfica.

Os próximos capítulos serão dedicados ao objetivo, o método e, por fim, os últimos capítulos serão destinados à análise e discussão dos dados coletados, seguidos pelas considerações finais.

1.1 Infância e Imigração

A dimensão da infância, conforme Ariès (1981), é atravessada por diversas mudanças ao longo da história; segundo o autor, as crianças não foram consideradas como tal até o século XII, época em que estas eram retratadas como pequenos adultos. Nesse período, não havia o entendimento da necessidade da função de zelo e afeto - que deveria ser proporcionada pelo núcleo familiar - para com esta minoria, diante da conjuntura demográfica da época. O conceito em questão é reconhecido, portanto, na modernidade, quando crianças passam a ser vistas como o centro da organização familiar. A partir disso, a construção social da infância atrela-se ao direito à educação, ao cuidado e à proteção proporcionados pela família; à visão da criança como objeto de conhecimento e sujeito em desenvolvimento pela sociedade; e à necessidade de administração simbólica da infância (SARMENTO, 2004).

Mais recentemente, a partir da Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), da Constituição Brasileira de 1988 e, posteriormente, do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) - que marca a história com a doutrina da proteção integral -, é possível compreender todas as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento. Em consequência destes documentos, é colocado como dever do Estado, da sociedade e da família assegurar os direitos básicos à infância, como saúde, alimentação e educação. No entanto, de acordo com Broering (2015):

[...] mesmo depois do aparecimento do conceito de infância, da ideia de responsabilidade dos pais e do Estado, as crianças, constituídas como categoria social, prosseguem sendo um dos principais grupos oprimidos. (p. 281)

Isso ocorre, majoritariamente, em decorrência da crescente desigualdade social na sociedade brasileira, que agrava a condição de pobreza de muitas famílias e faz com que a maior parte das crianças continuem não tendo uma infância dentro dos parâmetros determinados pela doutrina de proteção integral e seus princípios. Um exemplo disso aparece no relatório divulgado pela UNICEF (2018), "Pobreza na Infância e na Adolescência: um fenômeno com múltiplas dimensões", que identifica que quase 50% das crianças e adolescentes possuem, ao menos, um direito negado no país. Dentre os

direitos, a UNICEF levou em consideração o acesso à educação, informação, água, saneamento, moradia, bem como a proteção contra o trabalho infantil. Para além desses direitos, o ECA também engloba o acesso à cultura, ao brincar e ao lazer como “[...] áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância” (Art. 5º). Dessa forma, esses direitos também aparentam estar ameaçados pela desigualdade no país e, portanto, carecem de maior atenção nos estudos acerca da infância.

Os dados da OBMigra (2020) mostram que 55,6% das crianças imigrantes não estão matriculadas no ensino infantil, ainda que o número cresça ao longo do ensino fundamental, a partir disso, faz-se necessário pensar em novas políticas educacionais que garantam o ingresso e a permanência dessas crianças na escola, visto que “[...] o acesso à educação básica reforça a força dos novos fluxos migratórios no contexto migratório brasileiro, com destaque para alunos venezuelanos e haitianos” (Ibidem, p. 17). Outros entraves que estas crianças acabam por enfrentar dizem respeito ao idioma e acesso à saúde.

De acordo com o Manual de Procedimentos e Critérios para a Determinação da Condição de Refugiado (2011), os refugiados são sujeitos que deixaram seus países de origem devido aos temores de perseguição “[...] por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social específico ou opiniões políticas” (UNHCR, ACNUR, 2011, p. 17).

No que diz respeito à especificidade dos deslocamentos dos refugiados, Martins-Borges (2013) comenta que eles:

[...] transportam consigo muito pouco do que até então caracterizava sua identidade: hábitos, relações, status profissional e social, residência. Essas partidas não-planejadas, e muitas vezes não-desejadas, são frequentemente tomadas por um sofrimento psicológico diretamente ligado ao traumatismo ao qual foram submetidos no período pré-migratório e migratório (violências diversas, tortura, testemunhas e vítimas de massacres, morte de parentes, amigos, etc). (p. 152)

Recentemente, no contexto brasileiro, a migração forçada atende, principalmente, às solicitações de refúgio de haitianos, sírios e, com mais expressividade, venezuelanos. Os números apresentados pelo CONARE (2020) mostram que dentre os 21.304 processos deferidos no ano de 2019, 98% correspondem a solicitações de venezuelanos.

Concernente à migração forçada na infância, de acordo com a Acnur (2011), existem diretrizes para a determinação da condição de refugiado sensíveis às crianças, mas não foram formuladas especificamente para atender a esta população. É importante

citar que, em função de serem protocolos que se aplicam a todas as pessoas, estes costumam ter a experiência dos adultos como base e, em decorrência, as situações nas quais as crianças entram com solicitações independentes, a exemplo de crianças vítimas de tráfico de pessoas, costumam não ser bem compreendidas, uma vez que elas, frequentemente, são consideradas parte de uma unidade familiar e não, indivíduos de direitos.

[...] suas experiências únicas de perseguição, devido a fatores como idade, nível de maturidade e desenvolvimento, assim como sua dependência dos adultos, nem sempre são consideradas. As crianças podem não conseguir articular suas solicitações de refúgio da mesma forma que os adultos e, assim, elas podem precisar de assistência pessoal. (ACNUR, 2011, p. 155)

Como consequência, nem sempre as solicitações de refúgio das crianças são reconhecidas. Ademais, estas diretrizes englobam todos os tipos de crianças e adolescentes – indivíduos menores de 18 anos de idade - que solicitam refúgio: acompanhados, desacompanhados e separados. Os segundos dizem respeito aos que foram separados da família nuclear e extensa e não possuem um adulto responsável por eles, enquanto os terceiros referem-se àqueles que foram separados de suas famílias nucleares, mas não obrigatoriamente de outros parentes (ACNUR, 2011).

Em relação à vivência das crianças, Bezerra (2016) discorre:

Quando a criança está acompanhada, a decisão pelo título de refúgio segue o encaminhamento dado a seu familiar, com foco nos interesses da criança. Já no caso de crianças e jovens não acompanhados, a determinação da condição de refugiado se mostra difícil, em função de haver necessidade de a criança compreender o critério de fundado temor de perseguição no país de origem. É usual recorrer a pareceres de profissionais de saúde mental que considerem aspectos pessoais, familiares e culturais da criança na avaliação de sua habilidade para julgar a existência do receio de perseguição. (ACNUR, 2004 apud BEZERRA, 2016, p. 33-34)

Dessa forma, independente da maneira como as crianças apresentam-se para solicitar refúgio, se chegam ao Brasil acompanhadas de seus pais ou desacompanhadas em situação de fuga para a sobrevivência ou devido a buscas por melhores condições de vida, é necessário compreender as especificidades que estas crianças vivenciam para que seja realizada uma intervenção adequada.

1.2 Revisão bibliográfica dos impactos psicológicos da imigração em crianças

Infância, saúde mental e imigração involuntária foram objetos de estudo de Bezerra, Borges e Cunha (2019), através de revisão bibliográfica sistemática em que foram analisados dados de estudos publicados nos últimos treze anos a contar da data da publicação do artigo. As autoras explicitaram a necessidade de criação de políticas públicas no cenário brasileiro, especialmente no âmbito da Atenção Básica, que considerem as especificidades das crianças refugiadas durante seus processos de acolhimento. Para efeitos de análise, as temáticas encontradas nos artigos de tal revisão foram agrupadas em três categorias: desafios enfrentados pelas crianças ao chegarem ao país de acolhimento, impactos psicológicos do processo migratório forçado na infância e propostas de intervenção em saúde mental dos pequenos refugiados.

No que diz respeito aos desafios enfrentados pelas crianças ao chegarem ao país de acolhimento, contataram-se aspectos relativos à adaptação à nova língua; identidade cultural; preconceito e discriminações sofridas; escolaridade; situação financeira, entre outros. Já em relação aos impactos psicológicos sofridos, é possível citar a identificação de sintomas, inclusive psíquicos, como depressão, ansiedade, queixas somáticas, perda de peso, maior risco a alterações do humor etc. Por fim, as propostas de intervenção observadas por Bezerra, Borges e Cunha (2019) demonstraram ser imprescindível que os profissionais de saúde atentem-se às especificidades da população atendida, por exemplo, diversidade econômica, étnica e religiosa.

Em resumo, com base no levantamento de bibliográfico realizado pelas autoras, evidenciou-se que

Os impactos psicológicos das experiências traumáticas associadas à imigração involuntária na infância eclodem em pesadelos, isolamento social, baixo rendimento escolar e sentimento de tristeza, assim como, alterações emocionais e comportamentais interferem no desenvolvimento infantil e denotam o sofrimento psicológico que acomete crianças em refúgio. (...) Somam-se, ainda, as dificuldades enfrentadas diante do convívio simultâneo com a cultura de onde vieram e aquela do país anfitrião, cujo encontro de diferenças potencializa os riscos de problemas de saúde mental e tornam crianças e jovens imigrantes mais vulneráveis psicologicamente. (Ibidem, p. 3)

Isto posto, ainda que as publicações ressaltem o sofrimento psíquico das crianças refugiadas, as autoras constataram a carência de estudos a respeito da imigração de crianças refugiadas e sua relação com a saúde mental na bibliografia nacional, sinalizando a demanda de produção científica sobre esse tema e a relevância da elaboração de

políticas públicas que assegurem uma intervenção humanizada e específica junto a essa população.

A fim de prosseguir a revisão de Bezerra, Borges e Cunha (2019) acerca do tema, a pesquisadora realizou levantamento bibliográfico de estudos sobre infância e imigração nas plataformas Periódicos Capes e Index Psi Periódicos, com filtro de ano de publicação entre 2020 e 2023. A princípio, foram incluídos os descritores *crianças** AND *imigração* AND *saúde mental*, mediante os quais foram encontrados três artigos. Posteriormente, foram delimitados os descritores *crianças** AND *imigração* AND *psicologia*, o que resultou em um artigo que não se relacionava ao objetivo proposto nesta pesquisa, pois não possuía como foco o impacto da imigração para crianças, logo, não foi utilizado nesta revisão.

O artigo de Joia (2021) discute o trabalho na área da saúde mental, realizado em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil - CAPS IJ da cidade de São Paulo, com crianças de famílias bolivianas que chegam ao serviço de saúde, apresentando atrasos de linguagem e dificuldades de interação social. Em um primeiro momento, a autora apresenta o contexto no qual essas famílias imigrantes encontram-se na cidade de São Paulo, visto que vivenciam entraves para o acesso a direitos básicos, desigualdade social e racismo estrutural. Depois, a autora destaca a experiência particular dessas crianças que enfrentam os efeitos da imigração de maneira distinta dos adultos, em função de seus recursos psíquicos ainda estarem em formação e assumirem, muitas vezes, um papel de mediação para suas famílias nos âmbitos cultural, familiar/doméstico e idiomático (BEZERRA, BORGES, CUNHA, 2019 apud JOIA, 2021).

Joia (Ibidem) evidencia uma preocupação em relação às singularidades das infâncias representadas nas histórias dessas crianças que não são levadas em consideração, visto que costumam chegar ao CAPS IJ já enquadradas em descritores genéricos de patologias ou desvios, sendo-lhes conferidas suspeitas de deficiências intelectuais ou de Transtornos do Espectro Autista (TEA), devido ao atraso de linguagem e à dificuldade de interação social. No entanto, esses diagnósticos, esperados pelas escolas e oferecidos por alguns profissionais de saúde, não consideram os atravessamentos histórico-culturais e econômicos impostos a estas crianças.

Alguns desses atravessamentos puderam ser analisados a partir de vinhetas clínicas dos relatos dos pais apresentadas por Joia (Ibidem), dentre eles, estão a convivência das crianças com várias línguas ao mesmo tempo; as jornadas intensas de trabalho das famílias (12 a 18 horas diárias), que impedem a maternagem adequada, de

modo que as crianças permanecem em locais improvisados junto aos adultos ou sozinhas, interagindo somente com aparelhos eletrônicos para não atrapalharem a produção; o medo e a angústia que silenciam muitas mães ao terem filhos sob condições materiais e econômicas precárias; a falta de rede de apoio às famílias e de sensação de pertencimento à nova cultura; a sensação permanente de insegurança vivida por essas famílias, entre outros. Dessa forma, pode-se entender que o silêncio das crianças e de suas famílias, bem como o atraso de linguagem das primeiras aparecem

[...] também como efeito dos processos de silenciamento que observamos em suas famílias, sob múltiplas facetas. (...) o silêncio aparece derivado de vivências de desamparo, que despertam angústias e medos inomináveis; ou ainda como um anteparo de proteção frente a uma realidade na qual não se pode confiar. Da mesma maneira, o silêncio se apresenta também como estratégia de resistência frente à tentativa de apagamento dos traços identitários e de um repertório simbólico na imposição de outra cultura. É a partir dessas múltiplas dimensões que indagamos aqui sobre o enigma que essas crianças nos trazem. (Ibidem, p. 152)

O artigo de Joia (Ibidem) também trata da relação entre o silenciamento do estrangeiro nas escolas - que costumam apresentar posturas displicentes para com as famílias - e o diagnóstico de autismo como anulação das diferenças culturais. Por fim, a autora apresenta a possibilidade de trabalhar as dificuldades dessas crianças que chegam ao CAPS IJ através de espaços de escuta e acolhimento que assegurem tanto um viés não patologizante das diferenças ao procurarem identificar, primeiramente, as dimensões sociopolíticas dos sofrimentos apresentados e seus impactos na subjetividade desses sujeitos, quanto um ambiente seguro para que as crianças possam expressar-se de forma a serem consideradas em suas singularidades.

Procurando expandir e aprofundar a discussão apresentada na produção anterior, o artigo de Joia et al. (2022) apresenta a potencialidade dos dispositivos grupais no trabalho com crianças e famílias imigrantes, assim como evidencia a carência de políticas públicas que se destinem à proteção diante do aumento de fatores de risco no desenvolvimento de crianças imigrantes.

Joia et al. (Ibidem) descrevem as experiências de um grupo com familiares e cuidadores bolivianos e de dois grupos com crianças imigrantes de 3 a 7 anos, no CAPS IJ Mooca. A proposta do primeiro grupo foi propiciar um espaço de escuta a essas famílias em relação às dificuldades com seus filhos, enquanto os segundos visavam trabalhar a interação social das crianças. No grupo dos cuidadores, foi observado desconhecimento

a respeito dos diagnósticos de autismo em seu país de origem e cultura de cuidado diferente da concepção médico-ocidental.

Para além das questões socioeconômicas expressas pelos pais, já apresentadas no artigo de Joia (2021), o grupo terapêutico proporcionou vínculo de confiança das famílias com o serviço e promoveu sua extensão para a mediação com as escolas das crianças, bem como a ajuda com outros serviços públicos e com códigos de cultura do Brasil. Dessa forma, o grupo possibilitou conhecer mais a fundo a realidade dos imigrantes bolivianos, abrindo espaço para que as famílias pudessem compartilhar e elaborar suas histórias de vida através da escuta ativa e cuidadosa dos profissionais de saúde, visto que, conforme Joia et al. (2022),

[...] a narrativa constitui uma resposta simbólica importante, especialmente em situações de fragilização do laço social. No grupo, a proposta é abrir espaço para narrar como uma forma de elaboração daquilo que muitas vezes fica sem lugar, é silenciado ou emerge sob a forma de angústia. Assim, dar um lugar para a palavra é uma resposta simbólica para lidar com o sofrimento (...), a fim de marcar um lugar de sujeito, inclusive na direção de que possa assumir posição desejante diante de sua própria história. (Ibidem, p. 9)

No tocante ao grupo formado pelas crianças, apesar da percepção de questões referentes ao desenvolvimento, aquisição da fala e interação social, Joia et al. (2022) discutem que a maior parte delas demonstra abertura para a interação social e linguagem, no entanto, parecem “[...] falar uma linguagem própria” ou apresentam um “[...] estranhamento em estar com o outro” (p. 10). A partir disso, se fez possível procurar entender o silêncio das crianças e seus comportamentos diferentes e/ou inadequados à sociedade como uma resposta dada frente ao desconhecimento de como interagir com o outro. Assim,

A melhora apresentada no grupo, a circulação entre os pares, o investimento no brincar como modo de interagir, nos dão notícias da possibilidade de aberturas, reafirmando a aposta na intervenção mais precoce possível. (Ibidem, p. 10)

As autoras expuseram, ainda, que as hipóteses diagnósticas de TEA aparecem como uma forma de apaziguar as aflições dos pais que, assim, podem nomear o conjunto de sintomas que seus filhos apresentam, assegurar um lugar social a essas crianças e garantir direitos básicos no âmbito escolar e nas demais políticas públicas, visto que possuir um laudo diagnóstico de TEA faz com que as famílias possam acessar um benefício de transferência de renda mensal e ações extras de apoio escolar para as crianças

(Ibidem). Dessa forma, ainda que o acesso a melhores recursos educacionais e financeiros possam potencializar o desenvolvimento das crianças e afastá-las do diagnóstico de autismo, “[...] a própria liberação desses mesmos recursos está condicionada ao fechamento antecipado do diagnóstico e apresentação de laudo” (Ibidem, p. 14).

Portanto, o artigo demonstra que

O diagnóstico de TEA vem sendo convocado de forma a “resolver” as complexas questões que tais crianças nos trazem. Por um lado, sob a ilusão de haver encontrado uma explicação para o não falar; por outro lado, como forma de acesso a uma série de direitos básicos que na atualidade vão sendo colocados como exclusivos para crianças com TEA. (Ibidem, p. 14).

Nolasco, Castelli e Mountian (2021), em seu artigo, promovem reflexões acerca do trabalho clínico com crianças imigrantes, no que tange à relação entre os discursos objetificantes e os discursos sobre imigração, nos âmbitos escolar e da saúde mental. Para tanto, através do referencial da psicanálise, as autoras tecem considerações sobre a infância contemporânea, o processo de assujeitamento ao qual as crianças estão submetidas diante desses discursos e “[...] as possíveis consequências que a condição de imigrante produz no laço social e no cuidado recebido, assim como na própria experiência do que é ser criança” (p. 2) para, então, refletirem sobre sua escuta clínica.

As autoras explicitam a necessidade de contextualizar o conceito de infância, uma vez que se trata de um período marcado por determinados valores sociais, culturais, políticos e econômicos que vão influenciar na forma como as crianças são tratadas e no local que ocuparão na sociedade (BURMAN, 2008 apud NOLASCO, CASTELLI E MOUNTIAN, 2021). Nesse sentido, para se pensar na categoria infância nos dias de hoje, é fundamental considerar as dinâmicas atuais do sistema capitalista e suas consequências no âmbito social, que “[...] modificaram o lugar da criança na família e na sociedade” (PUJÓ, 2006 apud NOLASCO, CASTELLI E MOUNTIAN, 2021, p. 4). Ademais, o capitalismo trouxe consigo a hipervalorização do saber médico-científico e a criação de diversas especialidades de cuidado da infância, ao mesmo tempo em que o faz, objetificando seus sujeitos e buscando uma “[...] homogeneização e naturalização de experiências distintas” (NOLASCO, CASTELLI E MOUNTIAN, 2021, p. 4).

Isto posto, Nolasco, Castelli e Mountian (Ibidem) discutem duas experiências que ocorreram através do Grupo Veredas, nos âmbitos da educação e da saúde mental. A primeira situação retratada relacionava-se a uma reunião realizada em 2018, na qual alguns diretores de escolas municipais expressaram considerar que a frequência de alunos

imigrantes era um problema que precisava de solução, visto que as crianças imigrantes demandavam muito nas salas de aula; dificultavam o diálogo com os professores por não conseguirem aprender a língua portuguesa; não dispunham de higiene apropriada; e possuíam diferenças culturais que impactavam a dinâmica das escolas. Nessa reunião, as crianças brasileiras foram referidas como nossas crianças, enquanto as imigrantes eram nomeadas como as outras.

As autoras questionam as posições discursivas às quais as crianças imigrantes estão sendo submetidas, bem como qual a concepção de infância a que os diretores das escolas estão se referindo para que, então, seja possível pensar sobre o local que estas crianças ocupam no laço social e acerca da elaboração de políticas públicas condizentes e eficientes.

[...] questionamos os efeitos de tal divisão discursiva, em que o “nossas” se referiria às crianças protegidas por carregarem os signos do futuro, e às quais atribuiríamos afeto e amor, ao passo que as “outras” diriam respeito àquelas que não possuem essa marca. (Ibidem, p. 5)

Nolasco, Castelli e Mountian (Ibidem) explicam que, em virtude destas crianças ainda estarem em período de elaboração de repertório próprio a respeito de si mesmas, é preciso refletir sobre o modo como os discursos são transmitidos a elas e os possíveis impactos em seus psiquismos ao serem colocadas no lugar de outras.

[...] notamos que a articulação entre infância e migração coloca em questão a fantasia e os próprios processos de reconhecimento, na medida em que algo de novo se constitui enquanto referencial ou coordenada subjetiva para a criança; mas também nos faz pensar sobre as nossas próprias fantasias ou o modo como nomeamos e organizamos saberes a partir de discursos que permeiam a vivência das crianças migrantes. (Ibidem, p. 7)

As autoras discorrem, ainda, acerca da redução dos imigrantes a outros discursos que tangem a dimensão biológica, como a alegação de que possuem um cheiro característico ou não se comunicam de maneira apropriada, de modo que a reprodução desses discursos pode estar relacionada à recusa às diferenças culturais no âmbito de saúde/higiene, à demarcação do Outro e à visão capacitista das dificuldades das crianças, que culminam nas altas solicitações de psicodiagnósticos das crianças imigrantes ou, até mesmo, nos diagnósticos precoces de autismo. Portanto, é necessário pensar e problematizar o potencial prejuízo que esses discursos apresentam às realidades psíquicas das crianças para que não haja patologizações prévias dessas infâncias, visto que os

discursos podem “[...] operar nos diagnósticos rápidos e na objetificação das crianças, não considerando o contexto social em que esses sujeitos se encontram” (Ibidem, p. 10).

Mediante o exposto através dos artigos selecionados, evidencia-se a diversidade de impactos que a imigração forçada pode acarretar às crianças, bem como a necessidade de compreender com maior profundidade o contexto socioeconômico em que estão inseridas, o que reforça a importância de continuar investigando a relação entre a saúde mental e imigração na infância. Acredita-se que esta pesquisa possui relevância científica ao acrescentar, à produção bibliográfica, um estudo empírico a respeito desse tema sob o referencial da Psicologia Analítica, considerando que os artigos encontrados e expostos possuíam o referencial psicanalítico.

1.3 Infância e Psicologia Analítica

Ainda que a maior parte da obra escrita por Jung aborde e aprofunde aspectos pessoais e coletivos da psique adulta, é possível encontrar, tanto em seus primeiros trabalhos quanto em suas produções após o período de rompimento com a psicanálise, algumas ideias e observações relacionadas ao período da infância (FORDHAM, 1994). É importante mencionar que um ponto central nos escritos de Jung ([1954] 2013) sobre a psique nessa fase é o de responsabilização e dependência das crianças em relação a seus pais: “As crianças têm uma psicologia singular. Assim como o seu corpo, durante toda a vida embrionária, é parte do corpo materno, também sua mente, por muitos anos, constitui a atmosfera psíquica dos pais” (§ 143).

De acordo com Leahy (2018), o não enfoque na infância por Jung relacionava-se à sua experiência de vida, sendo necessário, portanto, entender o contexto histórico-cultural em que o autor estava inserido, bem como sua história pessoal que potencialmente afastou-o do estudo e do trabalho clínico voltados a crianças.

Em Memórias, Sonhos, Reflexões, sua autobiografia, Jung ([1961] 2016) relatou ter nascido em uma família simples e religiosa que habitava a zona rural da Suíça e ser filho único até seus nove anos. Através de suas memórias, narrou uma infância marcada por doenças, acidentes e fascínio pela solidão, bem como relatou seus sonhos, fantasias e a marcante companhia dos livros da biblioteca modesta de seu pai durante seu amadurecimento.

No tocante aos pais do autor, a mãe de Jung possuía a saúde debilitada e sofreu um episódio depressivo que a fez ser hospitalizada quando ele tinha três anos, assim, foi

bruscamente separada do filho. Jung (Ibidem) retrata sua mãe como uma mulher ausente e de personalidade ambivalente: ora amorosa, ora temível; enquanto seu pai, como um homem que fora frustrado em seu trabalho. O autor também não se adaptou à escola e foi considerado uma criança sensível e pouco acolhida por seus pais.

Dessa forma, Jung aprendeu a lidar sozinho com suas questões desde muito cedo, possivelmente, para o alívio de seus pais, portanto, acredita-se que o histórico de sua infância pouco amparada tenha afastado o autor de revisitar ou re-experienciar esse período de sua vida através do trabalho com crianças, ainda que tenha tecido contribuições importantes a respeito da psique infantil (LEAHY, 2018).

Fordham (1994) apresenta, ainda, que as publicações mais conhecidas de Jung referentes à relação entre pais e filhos são as relativas ao teste de associações, ao discorrer sobre o "[...] amplo alcance dos efeitos das identificações entre pais e filhos e o quanto a vida de uma criança poderia ser, aparentemente, quase que completamente determinada pela natureza de seus pais" (FORDHAM, 1994, p. 5). Entretanto, o autor pondera haver outras contribuições feitas por de Jung acerca do desenvolvimento infantil que, atualmente, não são alvos de polêmica como foram na época em que foram publicadas, dentre elas, é possível citar: a separação da sexualidade infantil da sexualidade adulta e do instinto da nutrição do instinto sexual; o Édipo como um mito que apresenta natureza arquetípica; a "[...] inevitabilidade da fantasia da mãe dual" (Ibidem, p. 15) e a "[...] importância do ritmo na transformação das pulsões instintivas primitivas em atividades culturais" (Ibidem, p. 15).

No que diz respeito ao último ponto mencionado, no decorrer da infância, Jung ([1952] 2012) discrimina duas fases principais: a do sugar e a da atividade rítmica. Na passagem de uma para a outra, a libido vai perdendo seu caráter estritamente alimentar através do auxílio de órgãos como a mão, outros orifícios do corpo e a pele para se direcionar à segunda fase. Ainda, o autor constata que um rompimento no curso do desenvolvimento normal culminará em uma regressão a fases de desenvolvimento anteriores. Já no desenvolvimento saudável, o período de amadurecimento mental e da fala corresponde à fase da atividade rítmica; esse período, que se dá entre o nascimento e os quatro anos de idade, foi denominado estágio pré-sexual e acaba por combinar elementos de ambas as fases mencionadas.

Em "A importância da Psicologia Analítica para a Educação", Jung ([1954] 2013) expõe que o surgimento da consciência nas crianças é gradual, visto que estas nascem imersas no inconsciente coletivo. Ao longo de seu desenvolvimento, as crianças vão

tornando-se mais conscientes de si e do mundo, à medida que ilhas de consciência passam a emergir gradualmente da totalidade inconsciente até que a consciência estruture-se. Jung (Ibidem) também discorre que a psique da primeira infância,

[...] até certo ponto, é apenas parte da psique materna e, logo depois, também da psique paterna, em consequência da atuação comum dos pais. Daí provém o fato de que as perturbações nervosas e psíquicas infantis, até muito além da idade escolar, por assim dizer, se devem exclusivamente a perturbações na esfera psíquica dos pais. (§ 106)

Entre os três e cinco anos, as crianças passam a manifestar o primórdio da consciência do eu ao começarem a se auto referir como eu, com isso, constata-se o surgimento da percepção de uma psique individual; no entanto, a criança ainda é considerada um produto da psique dos pais ao se pensar em sua totalidade. Embora as crianças e os pais estejam parcialmente inconscientes dessa ligação que vincula às primeiras aos segundos, é de extrema importância levá-la em consideração ao analisar o(s) sintoma(s) que uma criança apresenta porque os filhos costumam refletir a dinâmica psíquica dos pais - raiz do problema evidenciado -, devido à participação mística que ocorre entre pais e filhos (Ibidem).

A partir disso, ao passo que as crianças passam a se distanciar do ambiente doméstico primário ao frequentarem locais fora da redoma familiar, como a escola, elas vão progressivamente emancipando a consciência individual ao se identificarem com novas figuras de referência, ainda que a psique individual só vá adquirir maior independência após a puberdade. Assim, a finalidade da escola, em grande parte, “[...] não é abarrotar de conhecimentos a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultos de verdade” (Ibidem, §107a), visto que é de extrema importância que a criança diferencie-se de sua família para que possa criar uma identidade própria e seguir seu caminho individual.

Ao discorrer sobre a importância dos professores na educação das crianças, Jung (Ibidem) enfatiza a plasticidade da psique infantil, uma vez que as crianças ainda não possuem uma autoconsciência estruturada e convicções próprias como os adultos, assim, acabam por ser mais impactadas por influências externas. No que tange às psicopatologias infantis, Jung (Ibidem) mantém a posição de que estas são mais produtos dos sintomas da vida psíquica dos pais do que da própria criança. Dessa forma, para o autor, a finalidade do desenvolvimento na infância é o amadurecimento da consciência e o fortalecimento do ego para que a criança consiga adaptar-se ao mundo externo, às normas sociais.

No entanto, ao pensar a psicoterapia sob referencial da Psicologia Analítica de Jung, esta teria como finalidade auxiliar o processo de individuação dos seres humanos, conforme integram conteúdos inconscientes à consciência, de modo a trilharem um caminho individual; assim, não faria sentido que a psicoterapia fosse realizada com crianças, uma vez que o processo de amadurecimento na infância, para Jung (Ibidem), seria oposto ao processo de individuação, dado que essa diferenciação do coletivo só começaria a ocorrer a partir da segunda metade da vida.

1.3.1 Análise de crianças e pós junguianos

Dentre os analistas junguianos que trabalharam mais sistematicamente com crianças, Wickes (1927 apud JUNG, [1954] 2013), ao longo de sua produção, deu maior relevância à investigação da psique dos pais, em comparação à dinâmica inconsciente das próprias crianças. Assim, ainda que a autora tenha escrito sobre a imensidão pré-consciente da alma infantil e os arquétipos da alma coletiva, presentes no inconsciente das crianças, continuou fixada à ideia de que existe uma estrutura ancestral herdada pelas crianças, de modo a não considerar os novos estudos a respeito do desenvolvimento infantil da época (FORDHAM, 1994).

Já Neumann (1991) continua as ideias de seu antigo professor, Jung, ao descrever a psique infantil, mais especificamente, o Self infantil como uma continuidade do Self materno. De acordo com Neumann (Ibidem), há primazia da relação entre mãe e bebê para o desenvolvimento saudável da psique da criança; o autor descreve detalhadamente a relação entre este par, explicitando que, em um primeiro momento, a criança está integrada física e psiquicamente ao corpo da mãe e, à medida em que se desenvolve, insere-se na linguagem e na cultura.

Neumann (Ibidem) adota o conceito de centroversão para explicar a função formadora do centro de consciência, sendo que, primeiro, forma-se o Self para, depois, constituir-se o ego. O autor explica que, através da centroversão, há

[...] ênfase no posicionamento do ego como centro da personalidade na primeira metade da vida e a uma reversão dessa tendência exclusiva e específica de todo indivíduo para realizar suas potencialidades. (p. 58)

Ainda segundo o autor, esse movimento permite maior integração à consciência que, por sua vez, culminaria no processo de individuação. No entanto, Neumann (Ibidem) expõe que, mesmo após o nascimento, a criança

[...] permanece parcialmente retida na relação embrionária primal com a mãe. A criança ainda não se tornou ela mesma. Ela só se torna ela mesma ao longo dessa relação primal, cujo processo se completa normalmente apenas após o primeiro ano de vida. (p. 12)

Assim, Neumann (Ibidem) acredita que uma relação positiva com a mãe no primeiro ano de vida é fundamental para o crescimento sadio da criança; este período foi denominado urobórico pós-uterino pelo autor, uma vez que o Self da criança estaria simbolicamente englobado pela mãe. Assim, a depender de como se dá esse período, é possível desdobrar, como consequência, em um mal desenvolvimento do ego e maior suscetibilidade a neuroses e/ou psicoses, além de um caminho mais tortuoso em direção à individuação (WEINRIB, 1993). Ainda, Neumann (1991) distingue a consciência do ego - advinda de uma camada da psique de âmbito patriarcal, relacionada à razão, independência, relação com o outro que não a mãe - da consciência de cunho matriarcal, referente à promoção da cura e a processos inconscientes, intuitivos e primitivos da psique da humana.

Em contrapartida a Jung e Neumann, Fordham (1994) acredita que os processos de individuação "[...] estão em ação na primeira infância e na infância e que são uma característica essencial do desenvolvimento" (p. 20). Logo, é a partir da concepção de que o Self está em atividade desde o início do nascimento que o autor explica como se dá o processo de amadurecimento da criança (Ibidem), assim, no princípio do desenvolvimento, haveria um Self primordial que representaria um estado original de integração (LEAHY, 2018) de ambos os sistemas, consciente e inconsciente, dotado de potencial energético e atuante mediante as interações da criança com o ambiente.

A dinâmica energética estabelecida por este Self é pautada por deintegração e integração, que se iniciam mediante os primeiros contatos com a figura materna. A deintegração diz respeito ao movimento de direcionamento da energia aos objetos externos, enquanto a integração refere-se ao movimento contrário, ou seja, ao retorno da energia ao Self. Esse movimento de deintegração-integração ocorre durante toda a vida e é responsável pelo desenvolvimento do ego e do próprio Self (Ibidem).

De acordo com Fordham (1994), uma das experiências mais importantes de deintegração é o próprio nascimento, no qual o bebê é expulso do útero materno, então,

posteriormente, ocorre a reintegração da energia através do conforto e segurança proporcionados pelo colo da mãe. Dessa forma, pares de opostos operam de forma a promoverem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seres humanos através das partes do Self que vão deintegrando-se, conforme o contato com o ambiente externo, bem como da possibilidade de reintegração dessa energia ao Self.

Dentre as partes deintegradas do Self, o ego é a mais importante por manter uma continuidade de diálogo com o próprio Self. Conforme o bebê vai criando repertório ao ser exposto a determinadas situações no meio ambiente e consolidando estas experiências de volta em seu Self, sua consciência vai estruturando-se, sobretudo, através do contato com a mãe durante as primeiras experiências sensório-motoras e, à medida que seu ego vai se formando, torna-se possível diferenciar a própria consciência e a consciência do outro.

O autor também faz uma distinção no que diz respeito aos objetos e como estes são percebidos pelo bebê: os objetos do Self (que carregam carga afetiva), a exemplo do seio da mãe, e os objetos de realidade (representações do real), tais quais aqueles presentes em seu lar (LEAHY, 2018). Isto posto, com o desenvolvimento do ego - viabilizado pelo processo contínuo de deintegração e reintegração -, o bebê transforma os objetos do Self em representações do Self, o que lhe permite discriminar, gradativamente, sujeito e objeto. É a partir dessa diferenciação que se inicia o processo de individuação (Ibidem).

Assim, o vínculo positivo com a mãe é essencial para que o Self e o ego do bebê desenvolvam-se e para que a individuação avance, uma vez que o bebê vai se tornando cada mais capaz de se autorregular através das representações do Self, as quais, por sua vez, referem-se ao início da simbolização na infância (Ibidem).

A partir disso, conforme a criança vai se desenvolvendo, paulatinamente, amplia sua capacidade de simbolização, o que lhe permite gerenciar as realidades interna e externa. Para além, Leahy (2008) também expõe que Fordham (1994) trabalha o conceito de identificação projetiva, na qual se confere uma parte do Self ao outro para se libertar dela ou fazer com que o outro experimente seus sentimentos, o que pode ser visto na relação entre a mãe e o bebê, bem como entre analista e analisando (LEAHY, 2008).

1.4 Outras contribuições da Psicologia Analítica

Em virtude deste ser um estudo sob a perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, serão utilizados alguns de seus conceitos para que a análise acerca da experiência da imigração por crianças possa ser melhor embasada e aprofundada.

Dentre os conceitos, a definição de símbolo é central na Psicologia de Jung. Penna (2013) descreve o símbolo como “[...] a ponte epistemológica entre o conhecido e o desconhecido, é o meio através do qual a transformação do material inconsciente em material conhecido se torna viável” (p. 166), ou seja, é o recurso através do qual torna-se possível aproximar-se dos conteúdos inconscientes, uma vez que os traduzem de forma que a consciência possa acessá-los, trabalhá-los e integrá-los.

Para Jung ([1957] 2013), o símbolo pode ser “[...] um conceito, uma figura ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido” (§ 416). Isso porque o símbolo, ao mesmo tempo em que é uma junção de aspectos conscientes e inconscientes, é também o resultado da tensão de cunho energético entre esses dois polos, decorrente do mecanismo de compensação, uma vez que a psique está sempre buscando autorregular-se e manter a homeostase do sistema psíquico. Assim, o símbolo é a melhor maneira de expressar algo que ainda é desconhecido pela consciência, por meio do processo de psiquificação para que se torne conhecido e possa ser elaborado pelo ego (PENNA, 2013).

Ademais, Jung ([1964] 1969) discorre que “[...] os símbolos representam tentativas naturais para a reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique” (p. 99). A partir disso, é importante mencionar os aspectos causal, finalista e sincrónico dos símbolos. Segundo Penna (2013):

Todo evento psíquico é forjado numa relação causal e final, ou seja, ao mesmo tempo que o símbolo é causado por uma situação de tensão energética, ele é também fruto de uma relação de finalidade, isto é, tem um propósito teleológico de conduzir a psique a níveis mais complexos de desenvolvimento. (p. 176)

Enquanto o aspecto causal surge em decorrência de um conflito entre o polo consciente e o polo inconsciente que precisa de resolução, o aspecto finalista é o que permite a promoção da integração dos aspectos inconscientes à consciência, de forma que possam ser elaborados e integrados pelo ego, contribuindo com o desenvolvimento

psíquico. Por fim, o aspecto sincronístico dos símbolos relaciona-se ao momento no qual este símbolo está emergindo na psique, uma vez que o evento exterior vai corresponder, ao mesmo tempo, a um evento interior, sendo síncrono ao momento do desenvolvimento psíquico daquele sujeito (PENNA, 2013).

Dessa forma, tendo como enfoque a análise dos símbolos no desenvolvimento criativo, faz-se possível observar que as

[...] nossas dificuldades especiais e atuais tornam-se manifestas, assim como nossas próprias possibilidades de vida e desenvolvimento. Nas dificuldades depositam-se as possibilidades de desenvolvimento. (...) Por conseguinte, o processo de individuação torna-se, no símbolo, experienciável e claro. (KAST, 1997, p. 37)

Considerando o conceito de símbolo em relação com o Jogo de Areia, concebe-se que este promove a emergência de símbolos, os quais podem indicar os conflitos psíquicos de cada criança e, através da integração gradativa dos conteúdos inconscientes envolvidos, seja possível a resolução dos conflitos internos em alguma medida. No entanto, é importante mencionar que este não é o intuito da pesquisa por não se tratar da aplicação do *Sandplay* de maneira terapêutica.

Outro conceito relevante a ser destacado que, inclusive, pode ser retratado a partir dos símbolos trata-se dos complexos. De acordo com Jung ([1957] 2013):

Um complexo é um aglomerado de associações, espécie de quadro de natureza psicológica mais ou menos complicada, às vezes de caráter traumático, outras, apenas doloroso e altamente acentuado. (§ 148)

A formação de um complexo dá-se mediante uma vivência de forte carga emocional e afetiva que pode ou não ser de natureza traumática, da qual decorrem conteúdos reprimidos pelo ego, logo, relegados ao inconsciente pessoal. A estes elementos somam-se uma imagem arquetípica de mesma natureza temática que a atinente à vivência, então através dessa aglutinação, forma-se o núcleo do complexo (núcleo arquetípico temático). Posteriormente, vão ser acrescidas, ao núcleo deste complexo, outras reminiscências de vivências ulteriores relacionadas a esse mesmo tema, que podem ter sido protagonizadas pela própria pessoa ou não, a exemplo, ser ouvinte de histórias de vida de outrem (STEIN, 2006).

Os complexos são "[...] grupos autônomos de associações, com tendência de movimento próprio, de viverem sua vida independentemente de nossa intenção" (JUNG, [1957] 2013, § 151). Dessa forma, esses conteúdos estão relacionados a reações fisiológicas, psíquicas e comportamentais involuntárias, sendo relevantes ao apontarem

para questões mal elaboradas, assim, as manifestações de complexos permitem que a psique esteja sempre em movimento, ainda que perturbem a consciência do ego.

Ademais, tais perturbações reverberam nos mundos interno e externo, dado que as expressões provocadas por complexos constelados são dotadas de significativo montante de energia psíquica, sendo que quanto maior a carga emocional relacionada ao tema do complexo, maior será sua força e, por consequência, mais intensa sua manifestação (STEIN, 2006).

Os complexos podem ser de caráter individual, familiar (quando se repetem ao longo das gerações) ou cultural (quando são compartilhados por um mesmo grupo e vividos, sobretudo, historicamente). Logo, nenhuma pessoa é determinada por um único complexo, a exemplo, dos complexos materno e paterno, ainda que estes ocupem lugares relevantes na constituição do ser humano, podendo promover afetos positivos ou negativos, a partir das relações primárias com os cuidadores, a respeito de si mesmo e do mundo externo (KAST, 2013).

No que diz respeito à formação da identidade da criança, Kast (Ibidem) afirma estar diretamente relacionada ao complexo do eu, que se difere dos outros complexos desde a sua formação, uma vez que se trata do único complexo consciente. Neste caso, a partir do reconhecimento das emoções do bebê por parte dos cuidadores, possibilita-se que a criança aprenda a olhar e a cuidar de si mesma (Ibidem). Assim, o que garante o reconhecimento emocional e reafirma a existência da própria identidade da criança são as formas pelas quais esta pode viver sua corporalidade e expressar seus afetos, bem como as respostas dos adultos à sua volta frente a estas manifestações, de forma a produzirem uma continuidade da consciência infantil. A partir disso, conforme avança o desenvolvimento, ocorrem diversas fases de despertar e consolidação que vão permitindo que a criança torne-se mais consciente de si e se distinga do outro (Ibidem).

Em decorrência do tema desta pesquisa referir-se à imigração, cabe reiterar a ideia da existência de complexos culturais, com a qual trabalham pós junguianos, o que pode auxiliar a compreensão da experiência de imigração das crianças. A partir da teoria dos complexos de Jung, tem-se atualmente a ideia de que existem complexos que podem "[...] possuir a psique e o corpo de um indivíduo ou de um grupo, fazendo-os pensar e sentir de modos que podem ser muito diferentes do que racionalmente deveriam sentir ou pensar" (SINGER, KAPLINSKY, 2019, p. 76), dessa forma, assim como os complexos pessoais, os culturais são dotados de carga energética e possuem um núcleo arquetípico, mas podem ser partilhados por diversas pessoas de um grupo específico.

Complexos culturais são baseados em experiências históricas frequentemente repetidas que se enraizaram na psique coletiva de um grupo e nas psiques dos membros individuais de um grupo, e eles expressam valores arquetípicos para o grupo. Desse modo, os complexos culturais podem ser pensados como os blocos de construção fundamentais de uma sociologia interior. (Ibidem, p. 80)

A partir do exposto, tem-se que um dos pontos-chaves da teoria junguiana trata-se da existência dos complexos, portanto, faz-se necessário entrar em contato com estes conteúdos. Para tanto,

[...] precisamos nos voltar para as fantasias, os sonhos, os padrões de comportamento, os símbolos de forma geral. O fato de os complexos, por assim dizer, desdobrarem-se em fantasias nos oferece a possibilidade de convertê-los de forças inibidoras em forças promovedoras. Isso ocorre na formação de símbolos. Os símbolos são estações de processamento dos complexos. É também essa a razão pela qual sonhos, imagens e todo o âmbito da imaginação desempenham tão grande papel na terapia junguiana. (KAST, 2013, p. 51)

Assim, pensando a aplicação do *Sandplay* realizada nesta pesquisa, o uso das miniaturas e da areia são recursos expressivos que permitem externalizar aspectos inconscientes, logo, que não conseguem ser verbalizados, dado o desconhecimento do ego acerca deles. No entanto, a escolha de miniaturas e a construção dos cenários não se dão ao acaso, nesse sentido, um último conceito a ser mencionado, por ora, é o de projeção.

Conforme Jung ([1921] 2011), a projeção é um movimento inconsciente, uma vez que o ato de projetar não está sob comando da consciência, ou seja, o fato de enxergar um conteúdo pessoal em outrem é desconhecido pela própria pessoa. Em relação ao objeto no qual se projeta, Von Franz (1997) expõe:

“Vê-se” nele alguma coisa que não existe ou existe muito pouco. Que não exista nada daquilo que é projetado no objeto, acontece raramente, talvez nunca. Por isso, Jung fala de um “gancho” no objeto, no qual o indivíduo pendura a sua projeção como um casaco em um cabide. (p. 10-11)

Para além disso, as projeções não acontecem somente em relação a circunstâncias concretas ou pessoas reais, elas também se fazem presentes nas construções de histórias e personagens, por exemplo. Por fim, Jung ([1957] 2013) caracteriza que:

A razão psicológica geral da projeção é sempre um inconsciente ativado que procura expressão. Sua importância é equivalente ao conteúdo projetado. E uma transferência de natureza violenta corresponde a um conteúdo incendiário, contém alguma coisa de importante, alguma coisa realmente de grande valor na vida do paciente. (§ 352)

Assim, a partir da transferência do conteúdo inconsciente ao objeto externo, seja ele de ordem pessoal ou coletiva, torna-se possível que o indivíduo entre em contato com as partes desconhecidas de si mesmo. Dessa forma, o trabalho realizado com areia e miniaturas atua como potencializador da expressão dos conteúdos inconscientes através da escolha das miniaturas e da criação de cenas, visto que a psique está sempre em busca de enviar mensagens à consciência para que seja possível integrar os aspectos inconscientes que não são bem aceitos pelo ego e pela imagem da persona¹.

1.5 Jogo de Areia (*Sandplay*)

A origem do uso da caixa de areia em psicoterapia deu-se com a psicanalista inglesa Margareth Lowenfeld, que criou a Técnica do Mundo. Após entrar em contato com a técnica de Lowenfeld, Dora M. Kalff, colega de profissão e amiga de Jung, foi incentivada a conhecer de modo mais próximo o trabalho clínico com as caixas de areia em Londres, onde trabalhou e estudou com outros teóricos que se debruçaram sobre a fase da infância, como Michael Fordham e Winnicott (WEINRIB, 1993).

O Jogo de Areia surge, então, a partir dos estudos que Kalff realizou na época, ao se apropriar da simbologia junguiana para criar seu próprio método terapêutico. Inspirada nos postulados de Jung, a analista cria sua versão da terapia na caixa de areia, para a qual assume, como princípios fundamentais, a capacidade de autocura e a regulação da psique humana (Ibidem).

Dessa forma, o Jogo de Areia trata-se de um método expressivo não-verbal que proporciona um espaço livre e protegido, no qual os participantes criam cenas ou desenhos na areia. Para isso, o procedimento utiliza caixas de areia, água e uma vasta coleção de miniaturas para a construção de cenários (MATTA, 2006). Propõe-se que as caixas sejam padronizadas em forma retangular, com fundo azul para remeter a um fundo de água e ter as dimensões exatas de 72 x 50 x 7,5cm para que o campo de visão seja equivalente ao de uma pessoa que esteja sentada na frente da caixa (FRANCO, PINTO, 2003 apud AMMANN, 2004).

O método não exige níveis de capacidade intelectual, abstração ou técnica, quando comparado a outras técnicas não-verbais como pintura ou modelagem, o que faz com que

¹ "[...] A *persona* é, pois um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O conceito funcional da *persona* diz respeito exclusivamente à relação com os objetos" (JUNG, [1921] 2011, § 803, grifo do autor).

seja atrativo para os pacientes, que podem expressar seus conteúdos psíquicos através de material lúdico. O método é relativamente simples e se dá através da criação de várias imagens tridimensionais na areia de maneira criativa; por se tratar de um método prático, ambas as dimensões, espiritual e psicológica, são colocadas em jogo no trabalho com as mãos na caixa de areia (AMMANN, 2004).

Ainda, “Dora Kalff reconheceu que as séries de cenários, elaboradas por crianças ou adultos, representam a confrontação contínua e prática com o inconsciente, comparável à série de sonhos ou à imaginação ativa que ocorrem no processo analítico” (AMMANN, 2004, p. 12). Jung ([1961] 2016), em sua autobiografia, relata que, por vezes, seus sonhos apoderavam-se dele, gerando uma pressão interna de causa desconhecida para si e, diante disso, ele decidia entregar-se aos impulsos do inconsciente. Mediante esta decisão, ele relembra uma memória de uma fase de sua infância em que fora apaixonado por construção e utilizava materiais como pedras, terra argilosa, garrafa, entre outros, para brincar. Visando reestabelecer o contato com essa criança, ele se entregou às brincadeiras manuais novamente, já na fase adulta.

Situações deste tipo repetiram-se em minha vida. Sempre que me sentia bloqueado, em períodos posteriores, eu pintava ou esculpia uma vida: tratava-se sempre de um *rite d'entrée* que trazia pensamentos e trabalhos. (Ibidem, p. 181)

Weinrib (1993) apresenta a técnica de Dora Kalff como não interventiva e similar à de interpretação dos sonhos proposta por Jung, uma vez que a analista somente observava a criação das crianças durante seus atendimentos, permitindo que se sucedesse um processo autônomo na psique ao não determinar regras ou explicações às crianças. Dessa forma, a partir dos cenários analisados, resultantes de aplicações do método com crianças, a autora pôde constatar estágios do desenvolvimento psicológico na infância, os quais foram posteriormente descritos por Neumann, ao passo que mediante aplicações com adultos, pôde confirmar a ocorrência de processos similares aos das crianças, “[...] indicando que essa terapia operava num nível bem primitivo do inconsciente” (WEINRIB, 1993, p. 24).

No que diz respeito ao processo de psicoterapia de adultos, é comum os pacientes depararem-se com conteúdos que podem ser de difícil expressão através da linguagem, assim, é incentivado que eles deixem a imaginação trabalhar, de tal forma que o ego praticamente não interfira para que se faça possível um diálogo entre este e as imagens arquetípicas (FORDHAM, 1994). É necessário pontuar que a dificuldade mencionada

decorre do fato de que grande parte das emoções e sentimentos profundos dos seres humanos estão armazenados no inconsciente e quanto mais distantes estes conteúdos estiverem da consciência, mais difícil é a expressão deles através de palavras (AMMANN, 2004).

Fordham (1994) discute que as crianças lidam com a imaginação de maneira mais lúdica, uma vez que o ego ainda está em desenvolvimento. A esse respeito, Ammann (2004) comenta que tanto os adultos como as crianças possuem um saber potencial de cura em seus inconscientes, no entanto, os primeiros necessitam de maior esforço para alcançarem os conteúdos armazenados em seus inconscientes, em decorrência do nível de estruturação de seus egos e consciências. Este método terapêutico, portanto, pauta-se pela concepção de que através da criação de cenários na areia, o ego do paciente pode entrar em contato com seu Self, de forma a possibilitar a aproximação com esse centro organizador da psique, promotor de sua autorregulação e integração de conteúdos inconscientes à consciência.

Em ambos os casos, atendimentos de adultos e de crianças, fica clara a importância de introduzir o corpo e o mundo imaginativo não-racional na prática analítica, como método complementar ao processo psicoterapêutico usual, dado que a linguagem verbal, comumente utilizada na terapia e majoritariamente operada pela consciência, é apenas uma das possibilidades de expressão humana (Ibidem).

Partindo desse princípio, o Jogo de Areia é adequado a todas as idades e acaba por ser ainda mais indicado em casos de distúrbios na primeira infância; por se tratar de um método terapêutico majoritariamente não-verbal, o contato com a areia permite a regressão às camadas mais profundas da psique da primeira infância (Ibidem). Weinrib (1993) expõe que o contexto livre e protegido tem como propósito propiciar um espaço materno ou útero psicológico para que seja possível a cura da ferida psicológica em questão.

Ammann (2004) discorre sobre a importância de que o paciente esteja imerso na atividade, física e psiquicamente, visto estar criando seu próprio mundo dentro da caixa. Ao tocar a areia, o paciente permite que, através dele, flua uma energia que não está relacionada ao pensamento racional, mas sim, ao universo imagético, dado que o simples toque na areia, o escoar entre os dedos indica que algo dentro do paciente começou a se movimentar.

Um aspecto importante a respeito da criação na caixa de areia é o fato do cliente ter que adaptar sua ideia ao material que lhe é apresentado, dado que a areia pode se comportar de maneira diferente da esperada, gerando frustração, a qual também pode ocorrer diante do desejo por uma miniatura que não está presente na coleção do terapeuta, portanto, este método demanda certa flexibilização por parte do paciente (Ibidem).

Podemos, portanto, partir do princípio de que a situação terapêutica específica no Jogo de Areia representa as diferentes situações cotidianas, e de que o analisando aprende aqui a se relacionar de modo compreensivo e cuidadoso com algo diferente, seja a areia, seja sua própria vida interior. (Ibidem, p. 73)

No Jogo de Areia, as mãos desempenham um papel importante como meio pelo qual se faz possível expressar criativamente o que se sente, indicando um caminho para a transformação.

As mãos são mediadoras entre espírito e matéria, entre imaginação interna e criação concreta. Pela ação das mãos as energias existentes se tornam visíveis. (...) Através da criação com as mãos, as forças que atuam nas profundezas da alma se tornam visíveis e reconhecíveis, e que através das mãos o interior e o exterior, o espírito e a matéria se unem. (Ibidem, p. 22-23)

Assim, é através da atividade criativa na caixa de areia que os dinamismos inconscientes dos complexos e dos conflitos psicológicos são colocados no mundo material, o que permite alterações de alguma ordem na dinâmica psíquica (WEINRIB, 1993). Considerando a exposição sobre o conceito de símbolo realizada no capítulo anterior, para Weinrib (Ibidem), a criação do cenário no espaço livre e protegido da caixa de areia é um ato simbólico, dado que “[...] estimula a imaginação, libera a energia neuroticamente fixada, conduzindo-a através de canais criativos, o que já pode ser considerado cura” (p. 34). Dessa forma, a partir das criações concretas na caixa de areia, os conteúdos inconscientes de âmbito pessoal e arquetípico são simbolicamente objetivados, resultando em uma liberação de energia.

Isto posto, no que diz respeito ao método de aplicação do Jogo de Areia, quando há disponibilidade de duas caixas de areia – uma com e uma sem água -, é solicitado que o cliente escolha qual deseja utilizar. O uso da água na caixa de areia permite que a pessoa trabalhe “[...] de forma mais lúdica, emocionalmente mais regredida e com mais plasticidade” (FRANCO, PINTO, 2003, p. 92).

Depois de escolhida a caixa, o cliente tem total liberdade de criação dos cenários com uso da extensa variedade de miniaturas disponíveis, correspondentes a aspectos objetivos e subjetivos, como animais, elementos da natureza, edificações diversas, figuras

humanas, personagens, entre outros, o que permite a construção tridimensional do mundo interno. (WEINRIB, 1993). A aplicação ocorre sem a intervenção do aplicador, o que permite que o terapeuta e/ou pesquisador possa utilizar as construções feitas para apreender conflitos e defesas do participante diante dos símbolos utilizados por ele, relacionando conceitos da teoria junguiana como inconsciente pessoal e coletivo, complexos, arquétipos, entre outros. (MATTA, 2006). Ainda, o paciente pode comentar ou não sobre sua construção durante e/ou após seu término, bem como reagir ao cenário, modificando-o, assim, o analista apenas observa o desenvolvimento do processo, visto que a própria construção da cena na caixa de areia já promove um efeito benéfico ao paciente (WEINRIB, 1993).

Ao término da construção, “[...] o terapeuta pode pedir ao paciente para contar a história do cenário, fazer perguntas relevantes ou extrair os comentários e associações do paciente referentes ao cenário, ou ainda falar de assuntos sugeridos por ele” (Ibidem, p. 27), logo, o cenário permanece montado na caixa e só é fotografado depois que o cliente sair da sala de aplicação. Ademais, não é oferecida uma interpretação lógica durante o procedimento, possibilitando que o próprio indivíduo elabore conscientemente (ainda que de maneira não-verbal) os conteúdos inconscientes expressos, antes inacessíveis, de modo a possibilitar uma transformação pessoal de alguma ordem (MATTA, 2006).

O terapeuta experiente fará essa investigação através da cuidadosa observação dos conteúdos apresentados nos cenários, da pesquisa de seu simbolismo e da análise de suas reações contratransferenciais, de forma a acumular possíveis sentidos para os conteúdos inconscientes, investigá-los e/ou interpretá-los, com o objetivo de estruturar ou ampliar a consciência do cliente. (FRANCO, PINTO, 2003, p. 94)

A ideia posta pelo Jogo de Areia é a de que a imagem criada pelo paciente de seu mundo interno seja carregada com ele, uma vez que ela é apagada do mundo externo após o registro da foto, dessa forma, a imagem criada poderá atuar internamente até a criação de uma nova imagem no atendimento seguinte, visto que se trata de um processo em constante evolução (AMMANN, 2004). “Destruir o cenário na presença do paciente seria desvalorizar uma criação completa, quebrar o vínculo entre ele e o seu eu interior e o vínculo silencioso com o terapeuta” (WEINRIB, 1993, p. 28).

Posteriormente, a partir das criações do paciente, são elaborados slides, com o intuito de serem mostrados a ele em um momento da psicoterapia em que seja constatado maior fortalecimento e estruturação de seu ego, abrindo espaço para perguntas, interpretações etc. (WEINRIB, 1993). No caso desta pesquisa, por não se objetivarem

análises de processos psicoterapêuticos, não haverá a realização de mais de duas cenas - que ocorrerão no mesmo dia -, pois a aplicação será feita em somente um encontro com cada participante. Weinrib (Ibidem) apresenta, ainda, que os primeiros cenários na caixa de areia costumam ser mais realistas e podem dar indícios de conflitos e possíveis soluções, os quais poderão ser analisados neste trabalho.

Um último ponto relevante a ser mencionado no processo criativo da caixa de areia é o duplo sentido que a cena criada pelo paciente carrega, uma vez que, de acordo com Ammann (2004), existe a imagem concreta colocada na areia e a imagem interna carregada de energia, dessa forma, para interpretar os cenários corretamente, é necessário levar em consideração o significado simbólico do que foi movimentado no paciente e que continua a atuar sobre ele, ao olhar para a configuração do cenário, dado que “[...] a quintessência do processo na caixa de areia é a imagem interna, carregada de emoções e de sentimentos a partir do processo criativo” (Ibidem, p. 70).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender os impactos psicológicos da imigração forçada em crianças de 7 a 11 anos, residentes na cidade de São Paulo, através da análise de narrativas *Sandplay* com tema.

2.2 Objetivos específicos

1. Analisar os elementos que surgem no *Sandplay*.
2. Verificar o surgimento de elementos relacionados a impactos psicológicos da experiência de imigração na psique das crianças, que possam influenciar em sofrimento psíquico.
3. Verificar o surgimento de elementos positivos relacionados à experiência de imigração na psique das crianças, que possam contribuir com seu desenvolvimento.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização da Pesquisa

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa sob o enfoque junguiano, cujo objetivo é alcançar as dimensões presentes no problema de pesquisa - compreender os impactos psicológicos da imigração forçada em crianças de 7 a 11 anos, residentes na cidade de São Paulo, através da análise de narrativas *Sandplay* -, relacionando a experiência migratória ao processo de individuação e desenvolvimento na infância.

Dessa forma, a escolha pela pesquisa qualitativa deu-se no intuito de considerar o fenômeno pesquisado a partir do contexto em que é estudado, seu significado e relevância individual e social (PENNA, 2009). Logo, buscou-se utilizar instrumentos e técnicas que promovam a compreensão e a interpretação da realidade pesquisada, pensando aspectos atinentes a elementos dos âmbitos do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo, bem como à emergência simbólica.

A revisão bibliográfica desta pesquisa foi realizada acerca do tema imigração na infância e suas repercussões, método *Sandplay*, conceitos teóricos da Psicologia Analítica, a saber, projeção, símbolo, complexo, complexo cultural, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e consciência. Para tanto, foi realizada pesquisa em repositórios acadêmicos, tais quais Scielo e IndexPsi, bem como em produções de C.G. Jung e pós-junguianos, sobretudo, Michael Fordham.

3.2 Participantes

Os participantes escolhidos para essa pesquisa foram duas crianças que vivenciaram o processo de imigração para o Brasil. No entanto, por se tratarem de crianças, juntamente com elas, seus representantes legais participaram do estudo - um por criança -, os quais transmitiram informações a respeito do objeto de pesquisa. Dessa maneira, no total, o número de participantes correspondeu a seis pessoas.

Os critérios de inclusão para a participação no estudo foram: crianças entre 7 e 11 anos de idade, residentes na cidade de São Paulo há mais de seis meses, familiarizadas com a língua portuguesa e não acometidas por transtorno mental ou deficiência intelectual. Ademais, assim como as crianças, os responsáveis legais também necessitavam compreender a língua portuguesa.

3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com os responsáveis legais das crianças e aplicação do método terapêutico de psicoterapia junguiana do Jogo de Areia (*Sandplay*) com tema - conforme descrito no 1.3 - junto às crianças participantes. No que diz respeito às caixas de areia, foi necessário utilizar duas caixas com tamanho adaptado para a aplicação.

3.4 Procedimento

A pesquisadora realizou entrevistas semi-dirigidas com os responsáveis legais, visando à aproximação com a cultura e história de vida dos participantes. Dessa forma, pretendeu-se compreender o momento de mudança, a chegada ao Brasil e a rotina das crianças no país de acolhimento.

Posteriormente, a pesquisadora aplicou a técnica *Sandplay* com tema com as crianças, cuja duração média foi de cinquenta minutos. As crianças foram orientadas para que brincassem com as miniaturas presentes na sala de forma a criarem, em uma das caixas de areia, uma cena que dizia respeito ao país de origem e, na outra caixa, uma cena referente ao país de acolhimento. Em seguida, foi solicitado que a criança criasse uma história a respeito dos dois cenários depois de concluídos. Ainda, foram comunicadas de que, depois de terminarem todo o procedimento e saírem da sala, seriam tiradas fotos daquilo que construíram.

Durante a realização do *Sandplay* com tema, a pesquisadora anotou eventuais expressões verbais e gestuais da criança e a aplicação encerrava quando a criança comunicava que havia acabado. Cabe reiterar que não foi realizada a aplicação terapêutica da técnica, uma vez que não foram realizadas análises durante o procedimento, de modo que somente ocorreu a observação do processo de construção das crianças, sem nenhum tipo de intervenção.

3.4.1 Coleta de dados

A pesquisadora agendou encontros presenciais com os participantes para que fossem feitos esclarecimentos acerca da pesquisa aos pares cuidador-criança, momento em que ocorreu a ratificação dos critérios de inclusão. No dia da aplicação do *Sandplay* com tema, houve a apresentação e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido por parte das crianças e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos responsáveis legais, apresentados nos Apêndices B e C respectivamente. Em seguida, foi realizada a entrevista semi-dirigida com os cuidadores de uma participante, cujo roteiro encontra-se no Apêndice A. Um terceiro encontro foi agendado para a entrevista com o responsável legal da outra participante, seguindo o mesmo roteiro. No total, foram necessários três encontros com os pares cuidador-criança para finalizar a coleta de dados.

3.4.2 Análise

O procedimento de análise do material colhido nas entrevistas semi-dirigidas começou com sua transcrição literal e, depois, foi elaborada análise em articulação com o objetivo de pesquisa, de forma a compreender a conjuntura da imigração das participantes.

No que diz respeito à aplicação do *Sandplay* com tema, houve a transcrição literal das falas e histórias relatadas pelos participantes. Em seguida, foi feita a análise das fotos tiradas ao término da aplicação do procedimento com cada participante; nesse momento, foram consideradas as miniaturas utilizadas, a análise qualitativa dos cenários e os próprios relatos dos cenários. Ao final da análise, almejou-se encontrar temas que se relacionavam aos impactos psicológicos da imigração forçada em crianças, de forma a verificar se contribuem com seu desenvolvimento e/ou influenciam em possível sofrimento psíquico.

3.5 Cuidados Éticos

Os devidos cuidados éticos foram seguidos de acordo com as determinações da Resolução nº466 de 12 dez 2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde,

complementada pela resolução 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS).

Conforme exposto, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, os quais foram apresentados antes da aplicação da técnica *Sandplay* e das entrevistas, ao passo que a assinatura dos participantes foi colhida após a condução das etapas de pesquisa.

O projeto foi submetido à aprovação do comitê de ética em pesquisa mediante à inclusão na plataforma Brasil. Somente após o parecer favorável, sob o número CAAE 65313922.7.0000.5482, a pesquisadora iniciou a coleta de dados.

Caso surgissem conteúdos de difícil contato para o participante, a aplicação da técnica ou da entrevista seria cancelada no mesmo momento. Nesta situação, a pesquisadora faria escuta diferenciada da situação de pesquisa, de forma a acolher o participante e, se necessário, encaminhá-lo a um serviço que pudesse ajudá-lo a lidar com esses conteúdos. Contudo, informa-se que esta conjuntura não ocorreu durante o processo da pesquisa.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

4.1 Descrição geral da aplicação

O processo de aplicação deu-se em três encontros, sendo que no primeiro, foi realizada conversa com pais de crianças imigrantes para apresentar o projeto de pesquisa. A partir desse momento, foi agendado segundo encontro com as duas famílias que aceitaram participar para a realização das aplicações do método *Sandplay* com tema com as crianças, bem como das entrevistas com os responsáveis legais. Ainda, um terceiro encontro foi necessário devido à impossibilidade do pai de uma participante de realizar a entrevista no mesmo dia da aplicação de *Sandplay*.

No que diz respeito à citada aplicação com as crianças, ambas tiveram a duração de 50 minutos. Este período foi dividido de tal forma que a pesquisadora, primeiramente, apresentou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), o qual foi assinado por cada participante, após leitura conjunta e abertura de espaço para dúvidas. Em seguida, a pesquisadora apresentou a proposta para cada uma das participantes, mostrando as miniaturas disponíveis para a realização do *Sandplay* e a caixa de areia.



Figura 1: Foto das miniaturas disponíveis

As miniaturas expostas foram dispostas em um círculo em cima de algumas mesas, em torno das quais as participantes poderiam andar para analisá-las com

tranquilidade. Ademais, as miniaturas foram separadas dentre as categorias: elementos da natureza e construções com uso destes, com opções que iam desde flores e arbustos até pontes, vulcão, cercas e pedras; figuras humanas e de universos fantásticos, contendo profissionais, seres humanos de diferentes raças e idades, figuras religiosas, heróis, princesas, vilões, entre outros; animais de todas as classes, inclusos dragões, dinossauros e representações de ninhos; diferentes tipos de meio de transporte (terrestres, aéreos e aquáticos); casas/objetos de casa, como sofás, cama, mesa; por fim, objetos gerais como comida, armas, sombrinha, placas de trânsito, instrumentos musicais, entre outros. Já as duas caixas de areia foram utilizadas em tamanho adaptado para a realização da pesquisa.



Figura 2: Foto das caixas de areia

Posteriormente, foi realizada a orientação da primeira caixa a ser produzida, que remetia ao país de nascimento das participantes. Após a produção do primeiro cenário, foi colocada uma segunda caixa de areia em frente à criança para que pudesse ser produzida a cena referente ao Brasil, país de acolhimento. Por fim, foi pedido que as crianças contassem uma história que conectasse ambos os cenários. Ao final de ambas as aplicações, foram tiradas fotos dos cenários para que pudessem ser analisados, sendo que, devido a motivos éticos, não foram tiradas fotos durante as aplicações, mas foram feitas anotações acerca das verbalizações e das construções dos cenários, as quais serão descritas ao longo das análises.

Já em relação às entrevistas com os pais, ambas tiveram a duração média de 25 minutos. No início, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis legais e, após a assinatura, foram esclarecidos os dados das histórias de vida das crianças M. e A..

4.2 Entrevistas

4.2.1 Entrevista com os cuidadores de M.

A entrevista foi realizada com a mãe e o padrasto da participante M. (8 anos), os quais contaram que sua família chegou ao Brasil no dia 28 de janeiro de 2023, então aguardaram vaga para matricular M. em uma escola da rede pública de Educação, o que ocorreu após cerca de duas semanas. No tocante à adaptação escolar, os entrevistados disseram que, agora, está melhorando quando comparada ao início do ano.

Eles relataram que imigraram para o Brasil, em decorrência da preocupação com o filho do padrasto de M., de 05 anos, devido a seu diagnóstico precoce de autismo. O padrasto explicou acreditar que, no Brasil, ele tem mais possibilidades de realizar tratamento e receber os cuidados necessários em comparação à Bolívia, além de haver maior facilidade de conseguir documentações no contexto brasileiro. Informa-se que, atualmente, o menino realiza acompanhamento em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil - CAPS IJ.

No que diz respeito ao processo de imigração, os entrevistados disseram que contaram a M. para onde estavam indo, mas de qualquer forma, a adaptação inicial foi muito difícil para ela, principalmente, em função da diferença de idiomas, no entanto, percebem estar melhorando. A família extensa de M. permaneceu na Bolívia e ela não conseguiu despedir-se de ninguém, contudo, ao serem perguntados acerca dos motivos para tanto, apenas afirmaram não ter sido possível. Desse modo, M. acaba perdendo contato com os amigos e alguns familiares que possuía na Bolívia, dentre os quais, atualmente, somente conversa com a avó e com o tio através de chamadas de vídeo.

Sob o ponto de vista da mãe e do padrasto, a chegada ao Brasil não foi tão conturbada para a família porque eles passaram a morar com alguns parentes do padrasto de M., os quais já estavam adaptados. Ainda assim, a mãe de M. contou que houve momentos em que a menina dormia bem e outros, em que permanecia desperta à noite,

desde a vinda para o Brasil, uma vez que estranhava, um pouco, a nova casa. Ainda hoje, por vezes, se mostra triste, pede para voltar para a Bolívia e diz que quer ver a avó, contudo, a mãe e o padrasto dizem que ela não tem como voltar, pois possuem um filho que necessita da ajuda oferecida no Brasil, além da mãe estar grávida de uma criança com o padrasto.

No que concerne ao comportamento de M., os entrevistados disseram ter mudado muito com a mudança de país. A mãe contou que ela está melhorando nos estudos, mas “tem um problema que ela esquece muito das coisas” (sic). Ainda, disseram haver momentos em que a personalidade de M. altera-se bastante: ora está muito irritada, dizendo que o padrasto não pode mandar nela e não pode pedir para ela fazer lição de casa, ora é muito carinhosa. A mãe relatou que M. já não tinha tantos amigos e “aprendia mais devagar” (sic) na Bolívia, quando comparada a outras crianças da escola, mas estas questões pioraram no Brasil.

No que tange ao Brasil, contaram que M. gosta de morar aqui, mas há momentos em que ela apresenta um discurso confuso porque fala que têm coisas bonitas no Brasil, mas, depois, muda de ideia e diz que quer voltar para a Bolívia. Nesse momento, disseram que o que ela mais sente falta são os avós, uma vez que morar com os tios, parentes do padrasto, no Brasil é como morar com estranhos, dado que ela nunca havia os visto antes da mudança, mas, atualmente, está ganhando mais confiança, sentindo-se melhor e conseguindo estabelecer um laço mais forte a partir da convivência.

Referente à relação entre M. e o irmão mais novo, a mãe descreveu ser delicada porque ele é não-verbal, então “ele não fala como ela” (sic), o que frustra a menina, sendo comum esta pedir para ele falar com ela. A mãe também contou que M. diz ser muito sozinha porque não há muitas crianças por perto, o que a leva a gostar muito de criar personagens imaginários com quem ela pode conversar. Por fim, a mãe afirmou que M. está animada com a criança que está para chegar porque é uma menina e ela está feliz com a ideia de ter uma companhia para brincar.

4.2.2 Entrevista com os pais de A.

A entrevista foi feita com I., pai de A. (8 anos), que revelou que ele e sua família imigraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Ele contou que trabalhava em uma empresa na Bolívia e estava bem no trabalho, mas não era o suficiente em termos financeiros, em função de alguns problemas de saúde que A. apresentou

quando pequena. Ela teve que realizar três cirurgias na Bolívia, decorrentes de uma má formação do cólon e, nesse período, sua esposa, mãe de A., não podia trabalhar, pois precisava cuidar da filha.

Com isso, um tio dele, que já morava no Brasil, deu algumas dicas e incentivou a vinda da família de A. para cá. O entrevistado disse que ao ver a diferença do câmbio, pensou que ganharia muito mais dinheiro aqui - “eu pesquisei o câmbio da monera, eu podia fazer, em um dia aqui, o que eu estava fazendo a lá” (sic), mas não foi a realidade que encontrou assim que chegou. A ideia inicial era permanecer no Brasil por alguns meses para juntar um bom montante de dinheiro e, depois, voltaria para a Bolívia para ficar com a sua família porque, nessa época, A. ainda precisava realizar a última cirurgia. Contudo, ao chegar aqui, deparou-se com uma situação bastante diferente daquela que ele imaginava.

O pai de A. levou um tempo até conseguir começar a ganhar algum dinheiro, pois teve que aprender a costurar e, quando sua situação financeira ficou um pouco mais estável, decidiu trazer a família para o Brasil, ainda que ele achasse que não iria continuar aqui por muito mais tempo. Ele conta que como A. era muito pequena, tinha apenas 2 anos, não comunicaram a mudança de país para ela.

No que diz respeito à adaptação ao Brasil, o pai relatou ter sido muito ruim para todos, mas especialmente para A. porque eles passaram a morar na residência do tio e ela não conseguia permanecer no quarto oferecido a eles, em que necessitava ficar, pois queria explorar a casa. Uma vez que o tio já tinha sua família e seus filhos, ele não a deixava ficar andando pela casa, mexendo nas coisas, então foi muito difícil para A. e sua mãe, esposa do entrevistado.

Depois de um período no Brasil, I. e sua família mudam-se da casa do tio e ele passa a trabalhar com outros bolivianos, momento em que descobre que, no Brasil, A. precisava frequentar a escola e havia creches para crianças pequenas, então ele e sua esposa procuram uma vaga para a filha. O pai contou que a adaptação de A. na creche foi mais difícil para ele, dada sua postura mais desconfiada com tudo no Brasil, desse modo, acreditava que poderiam estar machucando sua filha porque ela chorava bastante e não parecia gostar da creche, além dele não conhecer as pessoas que estavam cuidando de A.. No entanto, com o correr do tempo, ela passou a se acostumar e gostar de frequentar a creche e, atualmente, ela adora a escola.

Segundo o entrevistado, sua família é bastante unida e, independente do local em que estejam morando, a felicidade consta nos três estarem juntos. De qualquer forma,

comentou que sua mãe ainda mora na Bolívia, mas A. mantém contato com a avó em todas as semanas, por meio de videochamadas, além dele ter conseguido levar sua família para visitá-la no início deste ano.

Por fim, o pai narrou que A. não comenta sobre a saída da Bolívia porque ela era muito pequena, mas falou que ela aproveitou bastante a viagem que fizeram para lá. No entanto, diz que ela gosta muito do Brasil e da escola, mas apenas reclama de ficar muito sozinha no Brasil, pois não tem irmãos. Atualmente, o pai tem um funcionário com quem divide a casa e, dado que este tem uma filha, ela passou a ser companheira de A..

4.3 As produções das crianças

4.3.1 Os cenários de M.



Figura 3: Cena de M. referente à Bolívia



Figura 4: Miniaturas retiradas

Assim que falamos da Bolívia, M. começa a contar como era o caminho para chegar à sua casa neste país, apontando na caixa de areia, mas sem tocá-la. A menina disse que recorda-se da escola e das amigas, com quem sempre brincava.

Depois de receber as instruções, foi diretamente para a mesa que continha as figuras humanas e fantásticas, então pegou a miniatura da Bela - princesa do conto A Bela e a Fera -, disse que ela era muito linda e perguntou se dava para tirar sua roupa. Ao retirar

seu vestido, M. também decidiu usar água na caixa e começou a colocar uma quantidade grande daquela - “um poquito más” (sic). Ao misturar a água com a areia, disse “se parece como massa” (sic) e esfregou suas mãos na mistura, demonstrando prazer nos movimentos. Então pegou a boneca e a amassou junto à areia maciça, bateu com ela no fundo da caixa e disse que ela estava no fundo do mar. Em um momento durante esta brincadeira, falou que “ela está morta” (sic), mas continuou brincando com a boneca.

Mais adiante, decidiu colocar um príncipe para brincar junto, que foi derrubado na caixa junto à boneca. No entanto, M. não deixou alguma das duas miniaturas na caixa, ou seja, escolheu não deixar a cena de presente para a pesquisadora, o que demonstra que os conteúdos expressos ainda não estão consolidados, ou seja, carecem de elaboração para que possam ser integrados à consciência.

Durante a criação do cenário referente ao país onde nasceu, M. contou um pouco sobre uma menina que morava com a avó, a qual a deixava sair para andar de bicicleta e encontrar suas amigas. Em outro momento, começou a encenar essa menina no mar, dizendo que estava relaxante, ainda que os movimentos que M. fazia na areia fossem bruscos, o que fez com que derrubasse areia para fora da caixa, gerando-lhe preocupação pela bagunça feita. Em seguida, disse que o pai desta menina estava preocupado com ela e ficou gritando “hija, hija” (sic), mas ela estava no fundo do mar.

Por fim, quando decide acrescentar um príncipe na história, diz que ele estava na piscina quando avistou o vestido da princesa para fora, depois, eles se apresentaram e ele entrou para nadar no mar com ela, ainda que os movimentos e verbalizações que M. fizesse durante essa brincadeira não fossem brandos e o mar não estivesse calmo - “toma isto, toma isto” (sic). No final, M. retira as duas miniaturas da caixa e decide brincar com as outras miniaturas expostas nas mesas.

No que diz respeito ao uso da água na primeira caixa e à massa produzida por M., que acaba por se assemelhar a um pântano ou a uma inundação, Ammann (2004) discorre:

No sentido figurado a água é o símbolo do mar das forças inconscientes amorfas, que também se poderia chamar de não-nascidas. O mergulho passageiro na água pode significar para o ser humano uma revitalização por meio de novas energias. No entanto, a imersão nela significa regressão a um estado inconsciente, amorfo, que corresponde ao movimento oposto ao desenvolvimento da consciência. (p. 131)

Dessa forma, a cena criada por M. parece dialogar com aspectos regredidos da psique, referentes a emoções relacionadas à sua terra natal e o que significa tê-la abandonado, dado que expressa tais aspectos através de verbalizações como “vou cavar

um pouco mais” (sic) e “ela está no fundo do mar” (sic), indicando conteúdos imersos no inconsciente, logo, não presentes na superfície consciente. Para além, essa representação da Bolívia somada a algumas de suas expressões verbais ao longo da construção do cenário, quando o pai da menina procura por ela e não pode acessá-la, indicam que este seria um lugar perigoso de se adentrar, o que aparenta correlação à sua resposta quando perguntada sobre seu pueblo: “tengo miedo” (sic).

Já em relação à escolha da miniatura da Bela, Von Franz (1990) expõe que os “[...] contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo (...). Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa” (p. 5). A partir disso, cada pessoa vai acabar reagindo de uma forma específica frente ao símbolo representado no conto, uma vez que apresenta referência direta com o fator afetivo-emocional que dá vida à imagem arquetípica (Ibidem). Dessa forma, pode-se pensar que a personagem Bela pode ter sido escolhida por M., em virtude de ser uma princesa determinada, que rompe com os padrões sociais esperados por uma mulher da sua época e acaba por ser a heroína de sua própria história, pois parte em busca de seu desenvolvimento. Logo, esta representação na areia sugere um potencial almejado por M., mas que ainda carece de desenvolvimento.

No entanto, o fato de M. ter retirado a roupa de Bela demonstra um desprendimento dessa persona da personagem, que se transforma em uma menina comum ao ter seu vestido colocado de lado. Assim, ao retirar uma roupa que é estrangeira a ela, M. pratica um exercício de liberdade e autenticidade para consigo mesma, seja para nadar sem roupa no mar ou para sair para andar de bicicleta com as amigas, como ela contou que costumava fazer. Outra hipótese é a de que a retirada do vestido da princesa vincula-se à impossibilidade de exercer esse papel, devido às duras contingências de sua história de vida, razão pela qual esta personagem é submersa e aglutinada em uma massa lodosa, o que sugere pertencer à esfera inconsciente, possivelmente, reprimida.

Em relação à figura do príncipe, colocado ao final da cena, pode-se pensar na ideia de um herói que aparece para brincar junto, em sua terra natal. Essa representação alude a um masculino que poderia ser protetor, pois há uma idealização, por parte de M., quando se refere ao príncipe, contando quase como uma história de filme da Disney, em que o príncipe e a princesa encontram-se. Contudo, essa figura de suporte também é englobada pelas águas do mar, denotativo do inconsciente, o que parece relacionar-se a um potencial heroico a ser acessado pelo ego de M., em prol de seu desenvolvimento psíquico.

Von Franz (1990) expõe que são muitos os contos que possuem anima/us como personagens principais, pois tratam de relacionamentos humanos, seja daquilo que se passa entre homem e mulher ou de outras questões da psique que ultrapassam as diferenças postas acerca do que é masculino ou feminino.

A imagem de anima/us, baseada nas estruturas arquetípicas subjacentes na psique, adquire uma forma e contornos particulares ao ser filtrada através do sistema psíquico e percebida pela consciência do ego. Se a imagem da sombra instila medo e apreensão, a imagem de anima/us suscita usualmente excitação e estimula o desejo de união. (STEIN, 2006, p. 130)

Assim, é possível pensar que uma vez que os conteúdos inconscientes representados no cenário por M. dizem respeito a um local ameaçador, há a busca por receber algum auxílio heróico ou, ao menos, uma companhia que a ajude a elaborar essa situação ainda indigesta.



Figura 5: *Cena de M. referente ao país de acolhimento*



Figura 6: *Miniaturas retiradas*

Ao contrário do que ocorreu após a instrução do primeiro cenário, no que diz respeito à cena construída referente ao país de acolhimento, M. somente verbalizou “esta es mi casa” (sic), enquanto desenhou uma casa na areia, muito levemente, quase sem tocar o dedo. Ainda que M. tenha falado que, aqui, ela tem sua mãe, seu pai e seu irmãozinho, ela não colocou outro elemento na caixa.

M. chegou a pegar algumas pedrinhas coloridas na mesa de elementos da natureza e construções com uso destes - “son como tesouros; quando eu era pequena, eu brincava com tesouros como esto” (sic) -, colocou-as na caixa de areia, mas as retirou logo. Depois

de acabar a produção, quis brincar com as miniaturas nas mesas e decidiu não interagir mais com a areia.

Isto posto, o “[...] evitar tocar na areia (...) aponta para uma desconexão simbólica com a terra e a realidade” (AMMANN, 2004, p. 70). A questão da imigração de M., portanto, aparece em um lugar, cujos elementos ainda não parecem elaborados e integrados à sua consciência, de modo que sua casa no Brasil ainda não está bem consolidada, o que denota estar expresso, na caixa de areia, pelo fato da representação desta casa não estar fixada ao chão, não possuir raízes fortes que possam sustentá-la ou ser feita de algum material minimamente resistente. Dessa forma, é como se M. não pudesse visualizar ainda uma casa real e estruturada no Brasil, ainda que sua família esteja com ela. As pedras coloridas que pegou de início, os tesouros que poderiam representar um brilho e um elemento valioso presente no Brasil foram retirados, ou seja, ainda não são passíveis de reconhecimento ou pertencimento à experiência brasileira, uma vez que M. lembra-se somente de algo com que brincava na Bolívia.

No que diz respeito às pedras preciosas, “[...] de acordo com diversas tradições, as pedras preciosas nascem da rocha depois de ter amadurecido nela. Mas a pedra é viva e dá a vida” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001, p. 697). A partir disso, não parece ter havido algum amadurecimento consolidado acerca da experiência de imigração para que as pedras pudessem estar presentes na cena do Brasil, além destas poderem carregar o simbolismo de alegria, prosperidade, fortuna (Ibidem) que M. não parece conseguir conceber, visto que a vivência de mudança de país ainda não é lida como detentora de aspectos positivos.

Já em relação ao simbolismo da casa, este costuma estar relacionado à estruturação psíquica, um local que oferece abrigo e proteção (Ibidem), contudo, no caso de M., a representação desta na areia remete a uma casa-fantasma, visto que a participante não parece ter estabelecido vínculos sólidos no Brasil, bem como aparenta não ter elaborado a experiência imigratória, o que pode ter levado a uma desorganização psíquica que, por sua vez, carece de amparo, proteção e estruturação por meio de figuras externas, devido a se encontrar na fase da infância, na qual é preponderante que adultos desempenhem certos papéis que apenas, posteriormente, poderão ser vivenciados como partes de si. Ademais, a casa desenhada por M. não possui portas ou janelas, o que demonstra, ainda, pouca abertura para novas interações com o mundo externo.

Ademais, é importante mencionar que mexer na areia implica um vínculo com a(o) terapeuta e, neste caso, por se tratar de uma única aplicação com o uso da caixa de

areia, é esperado que para crianças mais defendidas diante do tema proposto, permeado por conteúdos psíquicos que carecem de elaboração, a criação de cenários seja uma tarefa mais difícil de ser realizada. Ressalta-se, por fim, que devido a questões éticas, não foi solicitado que a criança continuasse mexendo na areia ou incluísse outros elementos no cenário.

4.3.2 Os cenários de A.



Figura 7: Cena de A. referente à Bolívia

A construção do cenário boliviano, realizada por A., foi feita em camadas. Ela iniciou com a mesa de elementos da natureza e construções com uso destes, com a miniatura do sol e, depois, com o arbusto, em seguida, passou para a mesa de figuras humanas e fantásticas, na qual pegou o bebê primeiro, então prosseguiu para a mesa de animais, em que escolheu a lhama, depois, o cavalo, o cachorro, o gato e a joaninha. Após, A. foi para a mesa dos meios de transporte e pôs a kombi na caixa, então passou a colocar outros objetos como comidas, livro e sombrinha. Posteriormente, A. volta e coloca o Homem-Aranha e a Branca de Neve, faz um lago próximo a eles e vai acrescentando outros detalhes como a bicicleta, a cobra, o passarinho e o peixe.

Conforme A. foi dispondo as miniaturas na areia, foi explicando algumas coisas que remetem a elementos culturais da Bolívia, que diferem do Brasil na visão dela, por exemplo, “lá tem muito sol, me sinto num país diferente” (sic), “tem livros e comidas

diferentes” (sic), “tem animais diferentes lá também” (sic), “tem muitas coisas legais” (sic).

A impressão que o cenário de A. transmite alude à visão de alguém que visita este local, ou seja, que está de passagem ou de férias. A cena aparenta ser uma praia ou um deserto que, ainda que apresente alguns recursos, é composta por elementos soltos e desordenados. Dessa forma, considera-se que esta cena possa dialogar com o âmbito inconsciente, dada a indiferenciação e o caráter instintivo - sobretudo, ilustrado pelos animais selvagens – das miniaturas e sua disposição na caixa, o que pode ser visto, por meio dos seguintes exemplos: o bebê exposto ao sol do lado da lhama; os alimentos ao lado dos animais; a bicicleta semienterrada; a sombrinha que nada protege, entre outros. Assim, essa disposição de elementos passa a ideia de um lugar distante, inóspito e selvagem.

Isto posto, um primeiro elemento a ser analisado é a serpente. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), “[...] a serpente visível é uma hierofania do sagrado natural, não espiritual, mas material. (...) ela é o reservatório, o potencial em que se originam todas as manifestações” (p. 815). Assim, este animal, que aparece a partir de uma fenda na terra, “[...] mora nas profundas camadas da consciência e nas profundas camadas da terra” (Ibidem, p.815), ainda, relaciona-se a uma manifestação do submundo na consciência, a uma expressão da agressividade e da força que advém das trevas. Neste caso, a serpente escolhida por A. está na forma da Uróboro, aquela que morde a própria cauda.

A Uróboro também é símbolo da manifestação e da reabsorção cíclica, é a união sexual em si mesma, autofecundadora permanente, como o demonstra a sua cauda enfiada na boca; é transmutação perpétua de morte em vida. (Ibidem, p. 816)

Assim, o círculo que a Uróboro representa gira em torno de si mesma, tem relação com a criação do tempo e da vida, a Grande Mãe, a origem de tudo.

No entanto, o símbolo da serpente também carrega o aspecto contraditório de ser um animal perigoso e sorrateiro (Ibidem). Nesta cena específica, a serpente parece estar prestes a atacar o pássaro que está ao seu lado, pronta para investir sobre sua presa, dessa forma, nessa posição, traz a ideia de que a Bolívia pode ser entendida como um local de perigos, em que é preciso tomar cuidado.

Ainda, o pássaro “[...] opõe-se à serpente, como o símbolo do mundo celeste ao do mundo terrestre” (Ibidem, p. 687), assim, os pássaros simbolizam os estados superiores

do ser e podem ser lidos como intermediários entre a terra e o céu, o que se relaciona ao símbolo do Uróboro, uma vez que alude ao processo de desenvolvimento psíquico em que faz-se necessária a reunião dos aspectos conscientes e inconscientes, celestes e ctônicos, para que haja o retorno à totalidade psíquica, mas de modo diferenciado e consciente. Portanto, esta representação por A. na caixa de areia remete à sua natureza arquetípica, uma vez que, devido a estar na fase da infância, ainda se encontra distanciada da realização consciente de seus âmbitos psíquicos, contudo, conforme exposto, possui elementos que carecem de elaboração egóica.

Outro elemento que chama a atenção nessa cena é o fato de ter duas figuras do universo fantasioso, o casal composto pelo Homem-Aranha e pela Branca de Neve, que podem representar, respectivamente, a polaridade masculino/feminino, o herói e a heroína dessa terra natal que fecundam um bebê, também presente na cena. Além disso, A. cria um lago, local onde estas figuras estão sobrepostas. Conforme Chevalier e Gheerbrant (Ibidem), os lagos podem ser entendidos como "[...] um afloramento do Oceano primordial (...) a garantia da existência da fecundidade" (p. 533), mas também como moradas dos deuses ou palácios subterrâneos de onde afloram seres míticos, "[...] mas que atraem os humanos igualmente para a morte. Tomam então a significação perigosa de paraísos ilusórios. Simbolizam as criações da imaginação exaltada" (Ibidem, p. 533). Assim, esse é mais um símbolo que traz, ao mesmo tempo, a ideia de fertilidade e de hostilidade.

No que diz respeito ao símbolo do sol, ele carrega consigo a ideia de fonte de luz, calor e vida entregues à Terra, o princípio manifestador, contudo, também tem seu aspecto destruidor, visto que pode ser entendido como "[...] o princípio da seca" (Ibidem, p. 836), que pode ser observada na sensação de aridez que a cena de A. expressa, em que, inclusive, há um no peixe com aspecto morto.

A simbologia geral da árvore é a representação da própria vida, pois trata-se de um cosmo vivo, em constante ciclo regenerativo (Ibidem). No entanto, a representação de árvore escolhida para esta cena é a de um arbusto que, por outro lado, costuma ser utilizado para esconder/encobrir outros objetos. Nesse caso, A. não colocou outro objeto debaixo do arbusto, mas a presença deste pode remeter à ideia de que algo nessa terra pode estar oculto. Outro símbolo que conversa com o Sol e com o arbusto é a sombrinha, posta entre o primeiro e o segundo. A sombrinha pode ser considerada um símbolo solar, visto que concentraria a atenção "[...] sobre o Sol que se encontra embaixo, isto é, sobre a própria pessoa. Ela tende para a interioridade" (Ibidem, p. 843). Contudo, por se tratar

de um objeto utilitário, poderia estar relacionado à ideia de proteção do Sol forte representado, mas, na cena, ninguém está fazendo uso desse recurso.

Desse modo, a cena criada é permeada por elementos detentores de significados simbolicamente opostos, tais como nutrição e aridez, fertilidade e hostilidade, proteção e ocultação, o que parece aludir à ambiguidade de vivências, bem como de conteúdos psíquicos de A. em relação à sua terra natal.

Já na parte superior direita da cena, tem-se a impressão de que uma família foi até este local e partiu rapidamente, deixando elementos para trás, a exemplo da bebida e das comidas, junto aos animais. No que diz respeito aos últimos, o cavalo porta consigo diversas significações, dado estar atrelado à terra, à lua, ao arquétipo da Grande Mãe, entre outros, enquanto também pode ser lido como "[...] o símbolo do psiquismo inconsciente ou da psique não-humana" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001, p. 203). Ainda, na Ásia Central, o cavalo pode ser entendido como psicopompo, “[...] a figura que guia a alma em ocasiões de iniciação e transição (...) capaz de transitar entre as polaridades” (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p. 112 apud BALIEIRO ET AL., 2015, p. 6), assim, pode auxiliar a conexão entre o inconsciente e a consciência, entre o ego e o Self. Outros animais, postos na cena, que oferecem leitura alusiva ao psicopompo são o gato e o cachorro (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001).

A ponte entre distintos reinos promovida por figuras representativas do psicopompo, na cena criada, sugere a necessidade de conexão entre os âmbitos psíquicos consciente e inconsciente, bem como entre as vivências e respectivos conteúdos referentes aos países natal e de acolhimento.

Já o livro, colocado na cena porque “[...] lá, tem livros diferentes também” (sic), pode ser a representação do próprio universo, associado a matéria virgem quando fechado, podendo conservar um segredo (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001). Os livros, para os alquimistas, representam o simbolismo da obra, “[...] às vezes aberto, às vezes fechado, conforme ela (a matéria-prima) tenha sido trabalhada ou apenas extraída da mina. Assim, quando este livro é figurado fechado sugere uma substância mineral bruta” (Ibidem, p. 555). Dessa forma, a escolha do livro por A. pode remeter a um conteúdo inconsciente, ainda inacessível e, portanto, não elaborado conscientemente, visto que ela imigra da Bolívia com apenas dois anos de idade, sem o conhecimento de que viria a mudar de país de residência.

Por fim, um último elemento a ser analisado é a bicicleta, cujo simbolismo remete ao esforço individual de alguém para mover-se para frente, visto que essa pessoa atua

exemplo do cantinho do cachorro com sua própria comida, da disposição do prato de comida para A. e da proteção oferecida pela sombrinha, além de ser permeada por outros objetos como o computador, indicando a possibilidade de possui-lo neste país. No entanto, todos os elementos parecem coletivos, uma vez que, ainda que haja a ressalva das dimensões da caixa de areia serem de proporção menor do que as da original, os itens dispostos por A. estão abarrotados, a exemplo do vaso sanitário e da penteadeira estarem juntos com todo o resto ou, até mesmo, do peixe jogado no meio da cena. Em relação a esse aspecto, soma-se o fato de que, ao se mudar para o Brasil, A. ficou morando dentro de um quarto com seus pais e sempre dividiu sua casa com outras pessoas, antigamente, com seus tios e, atualmente, com a família do funcionário de seu pai, dessa forma, não aparenta existir um espaço próprio dela.

A disposição das figuras humanas também chama a atenção, visto estarem enfileiradas, não passarem a impressão de conversarem entre si ou, até mesmo, de se olharem, demonstrando uma aparente rigidez nesse ambiente familiar, o que encontra consonância ao verbalizado por A., quando contou que seu pai bate nela.

A flor, colocada no canto da caixa em cima da poça de água que havia sido acrescida, remete à flor de lótus, que desabrocha nas águas lodosas. "A flor do lótus é pois, antes de tudo, (...) garantia da perpetuação dos nascimentos e dos renascimentos" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001, p. 558). A flor, portanto, parece dialogar com a história de A. no sentido da escolha de continuar no Brasil ser uma possibilidade de renascimento frente às dificuldades encontradas neste país, assim que sua família chegou.

Ainda, ao acrescentar a água nesse momento, A. comenta que brincava com os pais com água e, posteriormente, põe a flor alusiva à lótus. Se considerarmos o exposto anteriormente acerca de sua dinâmica familiar rígida, esta configuração pode remeter à necessidade de transformação das pertinentes relações, a fim de que seu processo de desenvolvimento prossiga de maneira salutar.

Por fim, o último elemento a ser mencionado é a única figura fantasiosa deste cenário, a "linda princesinha" (sic), associada por A. à sua amiga Alicia, a quem ela chamou de irmãzinha. A Bela Adormecida, portanto, pode ser uma referência direta a uma criança inocente, ou ao sonhar acordada acerca da representação de uma companhia, que A. sempre buscou, visto não ter irmãos.

4.3.3 As histórias

Conforme descrito no método – ver tópico 3.4 -, após a construção dos dois cenários, foi solicitado, a cada uma das participantes, que contassem uma história que unisse ambas as cenas criadas por elas, dessa forma, faz-se necessário analisar os conteúdos produzidos.

História de M.

“Aqui, é o pueblo (cenário da Bolívia) e aqui, é o Brasil. Se juntar os dois mundos, os bolivianos vêm morar no Brasil e que juntem em todos os lugares do Brasil, podem formar uma família brasileira de Bolívia e assim é” (sic).

A história de M., por mais simples que pareça ser, alude à demanda por integração, visto ainda estar passando pelo processo de adaptação ao Brasil, bem como à possibilidade de unir as duas culturas, de forma a unificar seus dois povos, logo, à necessidade de se sentir pertencente ao Brasil, sem deixar suas origens bolivianas de lado. Assim, elaborar e integrar à consciência estes conteúdos ainda envoltos em intensa emoção e resistência, tal como pode ser promovido pela criação das cenas no *Sandplay* e posterior trabalho terapêutico, auxiliaria M. em seu processo de individuação. De acordo com Jung ([1928] 2014):

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” (Verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo” (Selbstverwirklichung). (§ 266)

Tendo em vista o processo de individuação e o mecanismo de compensação pelo qual o primeiro acontece, a psique está sempre buscando a integração dos conteúdos inconscientes à consciência. Contudo, é importante reiterar que o processo de compensação por si só não garante a individuação, visto que o ego precisa estar disposto a olhar e integrar os conteúdos inconscientes, de modo que, conforme os conteúdos vão sendo elaborados, gradativamente, o indivíduo avança no processo de individuação. Portanto, esse processo é imprescindível, pois trata-se do movimento de unificação e integração consciente da personalidade em sua totalidade (STEIN, 2006). Por fim, ainda

que Jung ([1954] 2013) discuta que o processo de individuação só ocorre a partir da segunda metade de vida, conforme descrito no capítulo 1.3, o processo de simbolização auxilia a criança em seu desenvolvimento, uma vez que permite que ela administre as realidades interna e externa (FORDHAM, 1994).

História de A.

“Era uma vez uma garota que vivia num país, ela adorava e viajava com o carro e comia fruta e também tinha uma linda irmãzinha chamada Alice, tinha um gatinho e árvores com flores. Sua irmã não sabia andar de bicicleta, aí, a mais velha a ensinou, ela foi passear, encontrou um cachorro perdido e o adotou. A irmã pequena queria viajar e aí, ela foi viajar. Disse para a irmã que tinha uma surpresa e comprou uma lhama, cavalo, peixe de estimação, comprou suco e também tinha um passarinho machucado, aí, ela colocou um guarda-chuva. Resgatou o passarinho, o passarinho não conseguia voar, viram a patinha dele e ensinaram ele a voar e o passarinho visitava todos os dias. No dia seguinte, foram embora para outro país. Ela foi conhecer a família que não conhecia, ela bateu na porta e o pai chegou e ela estava com fome. Ela tinha uma prima, linda e princesa, assim como a irmã. Um dia, ela dormiu e aí, quando ela acordou, ninguém estava na casa, só o cachorro. Depois, todos apareceram e falaram que era uma festa surpresa pra ela e compraram um computador para ela que ela queria muito para ver vídeos. Já estava na hora de ir, mas antes de partir, ela pergunta se tem um banheiro e ela tinha que partir e foi para outro lugar” (sic).

A história de A., mais elaborada, apresenta uma descrição de todos os elementos que colocou em seus cenários. Ainda, expressa a idealização de uma companhia, representada pela irmã, mas também manifesta a necessidade de cuidado, através da relação zelosa com os animais, da comida que ganha, do ensinar a irmã a andar de bicicleta, da adoção do cachorro perdido e da ajuda ao pássaro machucado. No entanto, a mudança de país parece repentina, de forma que sugere a demanda por nutrição e acolhimento no Brasil, expressa por meio da imaginação de uma festa surpresa, em que lhe são oferecidos novos recursos, a exemplo do computador que ganha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos através das entrevistas com os pais, produções dos cenários de *Sandplay* com tema realizadas pelas duas crianças imigrantes e análise dos elementos e das histórias que surgiram a partir dessas produções, é possível perceber algumas semelhanças e diferenças que as experiências de imigração promoveram para as crianças, visto que ao colocarem as mãos na caixa e brincarem com a areia, puderam expressar seus conteúdos conscientes e inconscientes. Dessa forma, quando o ego abre espaço para a imaginação criativa, a atenção volta-se ao mundo interno, mediante a oferta de condições para tanto, no caso dessa pesquisa, do material utilizado - areia, água e miniaturas - que permitiu que alguns conteúdos aflorassem e pudessem ser revelados nas cenas através dos símbolos manifestos.

O brincar na caixa de areia, nesse sentido, promove a emergência de símbolos, cujos elementos uma vez integrados à consciência pelo ego, podem favorecer o processo de individuação. Assim,

[...] a transposição dos complexos ou conflitos psicológicos do mundo interior e imaterial para o mundo exterior e concreto parece provocar uma mudança na dinâmica inconsciente (...) como se algo se movesse e liberasse o impasse psicológico. (AMMANN, 2004, p. 49)

No que diz respeito aos símbolos que surgiram, os temas comuns a ambas as aplicações foram: as figuras de heróis/heroínas, a bicicleta e a casa. As primeiras, como discutido anteriormente, relacionam-se ao arquétipo do(a) herói/heroína, cuja regência faz-se necessária nos períodos de entrada na adolescência e da adolescência em si, de modo a sugerir que tais representações manifestam um potencial dessas crianças que começa a aproximar-se diante dos desafios da transição de vida que ainda enfrentarão.

Contudo, as participantes, ainda durante a infância, já necessitaram recorrer a esta potencialidade arquetípica, visto que o herói/heroína é aquele/a que acaba por se lançar a um local desconhecido, onde encontra dificuldades, mas consegue superá-las, tal como estas crianças precisaram fazer, desde cedo, devido à mudança repentina de país junto às suas respectivas famílias, logo, estas figuras parecem ressoar em seu mundo interno.

[...] a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem

distorções, daquilo que C. G. Jung denominou "imagens arquetípicas" (CAMPBELL, 2002, p. 27)

Já o símbolo da bicicleta, o qual apareceu nas verbalizações de M. quando contava sobre sua vida na Bolívia e no primeiro cenário construído por A., parece ter relação com a figura do herói, em seu exercício de liberdade, autonomia e construção de singularidade, uma vez que

[...] como veículo simboliza a evolução em marcha, o sonhador monta no seu inconsciente e vai adiante por seus próprios meios (...) pode contar consigo mesmo e assumir sua independência. Assume a personalidade que lhe é própria, não estando subordinado a ninguém para ir aonde lhe aprouver. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001, p. 132)

Ao mesmo tempo, este símbolo também pode conversar com o brincar mais tradicional e livre vivenciado na Bolívia, em contraposição às experiências que ambas as crianças têm no Brasil, considerando, especialmente, as possibilidades de acesso e incentivo às atividades culturais ao ar livre dessas crianças, bem como o tempo disponível, por parte das famílias imigrantes, para a promoção desse tipo de brincar.

A casa, que remete à estruturação psíquica das crianças, está presente em ambos os cenários referentes ao país de acolhimento. No entanto, mostram-se muito diferentes, sendo que a principal distinção trata-se da estruturação das casas de M. e A., provavelmente, relacionada ao tempo de permanência das meninas no novo país.

As construções de M., residente no Brasil há 09 meses, sugerem menor racionalização acerca dos motivos pelos quais imigrou e o que representa morar no Brasil, dado que tem vivenciado, ainda com bastante dificuldades, as consequências das escolhas de sua mãe e de seu padrasto. Este aspecto pode ser observado em sua expressão física/corporal ao colocar sua boneca mergulhada em uma terra lodosa no cenário boliviano, ou seja, ainda está aglutinada a essa terra, mas os conteúdos psíquicos relativos à saída desta parecem ser alvo de repressão, dado estarem submersos nessa massa lamacenta. Como consequência, A. cria uma casa-fantasma em seu segundo cenário e remove as pedras preciosas após colocá-las, o que parece indicar que ainda não considera o Brasil como um país que lhe promova ganhos e novas experiências a serem vivenciadas positivamente.

Já a casa de A., residente no Brasil há 06 anos, é um ambiente bastante estruturado, que contém diversos símbolos alusivos à proteção, cuidado e nutrição, diferente do construído no cenário boliviano, mais selvagem, ainda que também possua recursos. No

cenário brasileiro, representa o aconchego de um lar, sua família, seu cachorro que a protege, um prato de comida (macarrão) que fora preparado por alguém para si, a possibilidade de ter um computador, entre outros elementos que diferem dos animais selvagens, frutas (alimentos que não requerem preparo), sombrinha que nada protege, bebê junto à lhama etc., colocados na cena boliviana.

Ademais, o cenário brasileiro de A., ainda que mais estruturado, aparenta ser um local em que não há espaço para algo somente dela, visto que os elementos são coletivos e transmitem uma sensação sufocante e indiferenciada.

Diante do exposto, ainda que ambas pareçam entender o Brasil como casa, suas representações são bastante destoantes, possivelmente, por influência do processo de imigração de M. ainda estar em elaboração, ou seja, não estar consolidado, o que difere da experiência de A., já estabelecida neste país há tempo considerável.

Outro elemento importante a ser mencionado e que pode estar relacionado a um complexo cultural – ver tópico 1.4 – trata-se da rigidez com que as crianças parecem ser criadas. Esta hipótese advém de A. verbalizar, durante a construção do cenário, que seu pai bate nela, bem como nas figuras enfileiradas na cena do Brasil, remetendo à possível rigidez no ambiente doméstico, em que as pessoas são representadas sem se olharem ou falarem umas com as outras. No tocante à M., este aspecto aparece quando demonstra preocupação ao derrubar areia para fora da caixa, de modo a não parecer ter espaço para se sujar ou brincar mais livremente. Inclusive, a demanda por esta liberdade lúdica e expressiva é manifesta por M., por meio de sua vontade de brincar com as miniaturas fora da caixa de areia bem como de sua necessidade de escuta, expressa pelo seu desejo de contar muitas histórias para a pesquisadora.

Ainda, foi possível identificar a fantasia de que a Bolívia seria um local de perigos, representada através da verbalização de M., em que afirma ter medo de falar sobre seu pueblo, assim como do cenário boliviano permeado pela representação de um mar pantanoso e agressivo, que engole bonecos. A citada fantasia também é expressa por A. em seu cenário boliviano, no qual foram incluídos os animais selvagens, o lago junto às personagens fantasiosas e a aridez da terra natal.

Mediante essas considerações, é possível concluir que a pesquisa cumpriu seus objetivos, visto ter sido possível apreender conteúdos psíquicos, projetados nas criações feitas nas caixas de areia, que sinalizam possível sofrimento psíquico, a exemplo dos temas ameaça, caos, ocultamento, aridez, bem como depreender conteúdos psíquicos projetados promotores de desenvolvimento, ilustrados por temas como nutrição,

fertilidade e proteção, mas que estão relacionados a um momento de maior adaptação ao país de acolhimento, dado que foram expressos por A., mas não, por M..

Isto posto, levando em consideração a baixa produção de pesquisas que tenham como foco a experiência de imigração das crianças, é tarefa da Psicologia trabalhar com este público, de forma a oferecer espaços seguros que promovam a elaboração e a ressignificação das vivências atreladas à imigração na infância. Para além, o *Sandplay*, cujo princípio base é o oferecimento de um espaço livre e protegido, tal como o útero materno, delineia-se como um método valioso para o trabalho com crianças imigrantes, visto que sua realização não exige técnica ou, até mesmo, expressão verbal, o que possibilita o trabalho imagético de conteúdos, cuja a expressão via linguagem verbal pode ser difícil, além de promover a integração dos conteúdos psíquicos projetados nas imagens criadas, mediante a elaboração dos símbolos emergentes nas cenas.

A pesquisa também cumpriu o objetivo de acrescentar, à bibliografia, um estudo empírico a respeito da relação entre a infância e a imigração, no entanto, faz-se necessário que novas pesquisas concernentes a este tema sejam realizadas, especialmente, sob o referencial teórico da Psicologia Analítica, cujas contribuições são valorosas, sobretudo, no que tange a seus métodos terapêuticos e análises simbólicas.

Por fim, acredita-se ser necessária a continuação de produções de estudos acadêmicos acerca de saúde mental e imigração na infância, diante de expressões decorrentes da necessidade de múltiplas adaptações como a familiaridade com a língua, socialização e cultura, bem como do contexto socioeconômico característico das famílias imigrantes que impactam nos recursos financeiros, tempo disponível, condições de moradia e trabalho, dentre outros. Desse modo, urge que não haja patologizações das infâncias, o que vai de encontro aos diagnósticos precoces, como os usualmente atribuídos às crianças imigrantes, tal como exposto na revisão biobibliográfica e evidenciado em entrevista com a mãe e o padrasto de M., cujo irmão, de 05 anos, foi diagnosticado com autismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2020). **Global Trends Forced Displacement 2019**. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5ee200e37/unhcr-global-trends-2019.html>>. Acesso em: 14 out. 2021.

ACNUR. **Manual de procedimentos e de critérios para determinar a condição de refugiado**: de acordo com a Convenção de Genebra de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados. (2011). Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual_de_procedimentos_e_criterios_para_a_determinacao_da_condicao_de_refugiado.pdf?view=1>. Acesso em: 23 nov. 2021.

AGÊNCIA BRASIL. **Número de novos imigrantes cresce 24,4% no Brasil em dez anos**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/numero-de-novos-imigrantes-cresce-244-no-brasil-em-dez-anos>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

AMMANN, R. **A Terapia do Jogo de Areia** – imagens que curam a alma e devolvem a personalidade. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BALIEIRO, C. et al, A imagem arquetípica do psicopompo nas representações de Exu, Ganesha, Hermes e Toth. In: **Revista de Estudos Universitários** - REU, v. 41, n. 2, Pernambuco, 2015.

BEZERRA, C. B. **Distantes do berço**: impactos psicológicos da imigração na infância. Santa Catarina, 2016. (Dissertação em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

BRAGA BEZERRA, C.; MARTINS-BORGES, L.; CUNHA, M.P. Filhos das fronteiras: revisão de literatura sobre imigração involuntária, infância e saúde mental. In: **CES Psicologia**, v. 12, n. 2, 26–40, Medellín, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 mai. 2023.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Portal da Legislação, Brasília, 13 jun. 1990. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-deconteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

BROERING, A. A “descoberta” da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram “colocadas nesse berço”? In: **Revista Linhas**, v. 16, n. 30, Brasília, 2015.

CAMPBELL, J. **O Herói de mil faces**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. [1982]. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

FRANCO, A.; BATISTA PINTO, E. O mágico jogo de areia em pesquisa. In: **Instituto de Psicologia – USP**, v.14, n. 2, São Paulo, 2003.

GRANADA, Daniel et al. Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana. In: **Interface**, v. 21, n. 61, 285- 296, Botucatu, 2017.

JOIA, J. et al. Dar lugar à palavra: reverberações da clínica com imigrantes bolivianos num CAPS Infantojuvenil. In: **Estilos da Clínica**, v. 27, n. 3, 346–363, São Paulo, 2022.

JOIA, J. Infâncias imigrantes, silêncios e fronteiras do cuidado em um CAPS infantojuvenil. In: **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 1, 145–159, São Paulo, 2021.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**, O.C. XVIII/1. [1957]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **O eu e o inconsciente**, O.C.VII/2. [1928]. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. (Org.). **O homem e seus símbolos**. [1964]. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

_____. **O desenvolvimento da personalidade**. [1954]. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Símbolos da transformação**, O.C. V. [1952]. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Tipos psicológicos**, O.C. VI. [1921]. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. [1961]. 30. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos** - Fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LEAHY, Margo. Jung, pós junguianos e a teoria da análise junguiana de crianças. In: **Jungian Child Analysis**. Fisher King Press, 2018.

MARTINS-BORGES, L. “Migração involuntária como fator de risco à saúde”. In: **MENTAL REMHU** - Revista interdisciplinar da mobilidade humana, v.21, n.40, 151-162, Brasília, 2013.

MATTA, R. **A utilização da terapia do sandplay no tratamento de crianças com Transtorno Obsessivo-Compulsivo**. São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NEUMANN, Erich. **A Criança**. São Paulo, Cultrix, 1991.

NOLASCO, L. R.; CASTELLI, A. C.; MOUNTIAN, I. “Outras crianças”: nossos discursos. Reflexões Sobre a Clínica Com Crianças Imigrantes. In: **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 3, 509–519, São Paulo, 2021.

OBMigra. SILVA, G. J.; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA; SEGURANÇA PÚBLICA; COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS. **Refúgio em Números**: 5. ed. Observatório das Migrações Internacionais: Brasília, 2020.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, 2009. (Tese de Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC-Fapesp, 2013.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SINGER, T. KAPLINSKY, C. Complexos culturais em análise. In: STEIN, M. **Psicanálise junguiana**: trabalhando no espírito de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 2019.

STEIN, M. **Jung**: o mapa da alma - uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. Relatório de 2018, intitulado **Pobreza na Infância e na Adolescência**. Disponível em: <Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2023.

VON FRANZ, M. **A interpretação dos contos de fada**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

VON FRANZ, M. **Reflexos da alma** - projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung. [1988]. 12.ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

WEINRIB, E. **Imagens do Self**: o processo terapêutico na caixa-de-areia. 1.ed. São Paulo: Summus, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista com o responsável legal

- 1.** Como se deu o processo de imigração da criança? (Questão desencadeadora que busca compreender quando a criança imigrou e como imigrou).
- 2.** Quais foram as razões que levaram à imigração da criança?
- 3.** O Brasil foi um destino escolhido? Se sim, por quê?
- 4.** A criança sabia para onde estava indo? Já conhecia algo do país?
- 5.** Foi possível que a criança se despedisse do lar e da escola? Algum familiar ficou no país?
- 6.** Como foi a chegada da criança no Brasil? (Questão que busca entender os primeiros momentos no país de acolhimento: quem acolheu a criança, onde ela foi morar).
- 7.** A criança está na escola? Como se deu a inclusão escolar? (Questão que busca entender como se deu o aprendizado de um novo idioma, a socialização e aprendizagem na escola).
- 8.** Você percebeu alguma mudança no comportamento da criança após a imigração?
- 9.** A criança mantém algum tipo de contato ou relação com o país de origem?
- 10.** A criança fala sobre o processo de imigração?
- 11.** A criança comenta sobre algo que sente falta no país de origem?
- 12.** A criança comenta algo sobre o Brasil?

APENDICE B: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONVITE

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre crianças e imigração. Seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Com essa pesquisa, eu pretendo saber quais os impactos da imigração forçada para crianças de 7 a 11 anos que moram em São Paulo. Gostaria muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema em desistir. Outras crianças de 7 a 11 anos de idade também participarão desse estudo. Para poder entender melhor sobre a imigração das crianças, será feita a aplicação de uma técnica em psicologia chamada *Sandplay*. Você terá duas caixas de areia e muitos bonecos diferentes para poder montar duas cenas e depois contará uma história muito legal sobre o que criou. Durante esse momento, eu anotarei algumas coisas e depois que você terminar de montar tudo, uma foto será tirada das caixas de areia. Caso aconteça algo errado que você não se sinta confortável, é só avisar que pararemos a aplicação. As suas informações não serão compartilhadas com ninguém. Os resultados da pesquisa serão escritos em um trabalho, mas sem identificar nenhum tipo de dado pessoal, como vídeo, imagem ou áudio seus.

Consentimento pós informado

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Análise Simbólica de Narrativas *Sandplay* de Crianças Refugiadas à Luz da Psicologia Analítica”. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. A pesquisadora esclareceu minhas dúvidas e conversou com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

_____, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNCIDE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONVITE

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa autorizada pela PUC-SP. Agradecemos por sua disposição em contribuir para a construção de novos conhecimentos. Ainda, por estar na condição de []Pai []Mãe []Responsável Legal por [Nome do Participante], que é criança impedido(a) legalmente de consentir nos termos da lei, você também está sendo solicitado(a) a autorizar a participação desta referida pessoa como voluntária da parte complementar (aplicação de *Sandplay*) dessa mesma pesquisa. A identificação da pesquisa, da Pesquisadora e de sua Orientadora estão descritos abaixo.

Em relação à autorização da participação da criança, é importante mencionar que, embora a autorização seja sua, é indispensável, por razões éticas, que [Nome do Participante] tenha concordado em participar, na medida de sua capacidade de compreensão e respeitadas as suas singularidades, depois de ter sido esclarecido(a) sobre a pesquisa, suas justificativas, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos, que também estão descritos com linguagem acessível à criança no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido que será assinado por ela.

A seguir, leia atentamente o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. Se você estiver de acordo, inteiramente esclarecido(a), e se dispuser voluntariamente a participar, agradeceremos por sua importante colaboração

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise Simbólica de Narrativas *Sandplay* de Crianças Refugiadas à Luz da Psicologia Analítica.

Objetivo da Pesquisa: Compreender os impactos psicológicos da imigração forçada para crianças de 7 a 11 anos, residentes na cidade de São Paulo através da análise de narrativas *Sandplay*.

Esta pesquisa está relacionada ao Trabalho de Conclusão de Curso.

Pesquisador(a) responsável: Roberta Vicenti Fernandes

Curso de vínculo do Pesquisador: Graduação em Psicologia

Orientador(a) da Pesquisa: Profa. Dra. Paula Pinheiro Varela Guimarães

FORMA DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Estou ciente de que a minha participação nessa pesquisa será na forma de *responder a uma série de perguntas na forma de entrevista*.

RISCOS E BENEFÍCIOS

A pesquisa apresenta riscos mínimos. Ainda assim, podem surgir sentimentos de desconforto, como por exemplo, estar diante de questões que eu não saiba responder. No entanto, a pesquisadora assegura tomar os devidos cuidados para evitar, minimizar ou mesmo reparar tais desconfortos antes, durante e após a realização da entrevista. Por fim, não serei privado(a) nem limitado(a) em qualquer dos meus direitos, nem intimidado(a) a qualquer tipo de participação com a qual eu não concorde.

SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de que a privacidade do(a) Participante será respeitada, ou seja, que seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo pelo(a) Pesquisador(a), que se responsabilizará pela guarda dos dados, bem como pela não exposição das fontes dos dados da pesquisa. As informações e dados resultantes desta pesquisa serão divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, sem identificação dos participantes.

AUTONOMIA

Estou ciente de que me é assegurada toda a assistência necessária durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências e tudo mais que eu queira saber, antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar da pesquisa, ou retirar meu consentimento, a qualquer momento, sem precisar me justificar, e que, se eu me retirar da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo na assistência a que tenho direito.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Estou ciente de que, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da minha participação na pesquisa, tal como transporte, alimentação, ou outra, haverá ressarcimento dos valores gastos. E caso ocorra algum dano material ou imaterial decorrente da minha participação no estudo, não serei prejudicado(a), nem responsabilizado(a).

CONTATO

Estou ciente de que a Pesquisador responsável por este projeto é a estudante Roberta Vicenti Fernandes e com ela poderei manter contato a qualquer momento pelo telefone (11) 99474-7575, ou pelo E-mail robs.vfernandes@gmail.com.

Estou ciente, enfim, de que o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP é composto por profissionais qualificados daquela universidade, que trabalham para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados, avaliando se a pesquisa foi planejada e está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginei ou estiver sendo prejudicado(a) de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, à Rua Ministro Godói, 969, Térreo, Sala 63C, Perdizes, São Paulo/SP, CEP 05015-001, Tel. (11) 3670-8466, e-mail cometica@pucsp.br

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que tive a oportunidade de discutir e esclarecer todas as informações deste termo com o(a) Pesquisador(a). Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito(a) com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pelo(a) Pesquisador(a). Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e tendo compreendido a natureza, a justificativa, os objetivos e o método desta pesquisa, manifesto meu **consentimento livre e esclarecido** em participar voluntariamente, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação. Autorizo o uso das informações e dados resultantes de minha participação exclusivamente à redação e publicação da pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 2023

Assinatura do(a) Participante da pesquisa

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

AUTORIZAÇÃO DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, condição de [☐ Pai [☐ Mãe [☐ Responsável Legal pela criança impedido(a) legalmente de consentir nos termos da Lei, autorizo, de livre e espontânea vontade, que [*Nome do Participante*] possa participar como voluntária(o) na pesquisa, acima identificada.

Confirmo que li inteiramente o presente documento, que estou de acordo com tudo o que nele é apresentado e declaro estar ciente de que posso procurar o(a) Pesquisador(a) a qualquer momento, para quaisquer outros eventuais esclarecimentos.

São Paulo, ____ de _____ de

Assinatura do [☐ Pai, [☐ Mãe, [☐ Responsável Legal:

Assinatura do(a) Pesquisador(a): _____